FON FON
ANNO XXV
N. 5
RIO, 31 DE JANEIRO DE 1931
PREÇO 1$000

# Annullações

## De Irêne Drummond

Si eu fosse livre, Ignez, casavas commigo? — perguntou Alexandre á joven que, no jarrão, sobre a secretaria do seu gabinete de trabalho, dispunha flôres lindas que acabára de colher!

A pergunta sahiu-lhe inopinada, depois de ter observado a presteza com que a moça viéra, manhãzinha, adornar o recinto em que elle se encerrava horas seguidas, entre autos importantes de importantes demandas.

Ignez, que se escandalizaria si outro lhe falasse assim, olhou-o com doçura...

— Por que pensar no que nunca poderá ser?

Elle chegou-se a ella. Tomou-lhe as mãos e, numa das suas crises de desespero, disse:

— Escuta: sabes que nunca te diria uma palavra que te pudesse offender; nem tão pouco o faria por uma esperança indigna, não sabes?

Sei.

— Portanto, por que não confessar tambem que és victima desse implacavel destino que me persegue?

— Nunca o negarei... A tua sorte sempre me interessou. Não fossemos quasi irmãos...

— Só por isto, Ignez? Olha-me e jura que só uma vigilancia fraternal acompanha o meu tormento!

Ella pendeu para o peito a cabeça loura e nada disse. Ansioso, Alexandre insistiu:

— Responde-me, ao menos para consolo da minha desgraça, para compensação da crueldade do meu destino, responde-me: si eu fosse livre, casavas commigo?

— Sim... Tu sabes o que representas para mim e sabes muito bem que noutro tempo eu teria sido tua mulher si me tivesses querido... E agora que te respondi, jura-me que não abordarás semelhante assumpto.

E, sem esperar resposta, desprendeu-se das mãos do moço, retirando-se do gabinete.

Alexandre acompanhou-a com o olhar febril e afundou-se na poltrona, desalentado.
era afilhada de seus paes e ficára orphã, pequenina. Sempre fôra bôa.

Criaram-se juntos, porque Ignez alegre e carinhosa. Quando ficaram moços, os velhos quizeram casal-os. Alexandre, porém, indo á Europa, gostara doutra criatura, aliás, muito rica, tornando ao Brasil, irremediavelmente compromettido.

Ao cabo de quatro annos, a mulher trahia-o, e elle voltava ao solar amigo, com a vida despedaçada. Tinha um filho e este ficára com a mãe ainda, de quem a idade não permittia separar. Ignez mostrou-se fortemente sentida com o desestre e, com a solicitude que lhe era innata, procurava cercal-o de conforto e carinho.

Trez annos passaram e no harmonioso convivio a amizade de outros tempos foi se consolidando. E Alexandre sentia a enormidade do castigo quando pensava que Ignez teria sido a unica. Por isto, naquelle dia, não se contivéra, forçando-a á confissão bemdita. Desde ahi, a sua tristeza diminuiu e o seu olhar tinha lampejos de resurreição.

Um dia, annunciou aos paes que ia viajar; um negocio importante o chamava fóra do Rio. E partiu.

Quando voltou, mezes depois, de improviso, encontrou Ignez enchendo de flores o gabinete. Continuava a tarefa como si o esperasse a cada instante. Tinha no olhar um lampejo de felicidade e, correndo para ella, tomando-lhe as mãos queridas, soltou a confissão que o queimava de contentamento:

— Sabes que sou livre?

— Tu? — exclamou Ignez, sem comprehender.

— Livre, para sermos felizes!

E como visse que a rapariga não compartilhava de tamanha ventura:

— Não estás contente?

— Mas, gaguejou Ignez, que é feito de tua mulher?

— Annullamos o casamento.

Explicou, para que ella demonstrasse, desde logo, o jubilo do triumpho.

— Agora podemos ser felizes, não é?

E attrahiu-a brandamente, num abraço.

Ella, porém, se desprendeu com doçura e foi sentar-se numa poltrona:

— Que quer dizer isto: annullar um casamento?

— Tornar sem effeito o contracto que se fez.

— A lei, portanto?

— Sim, a lei.

— E a Igreja, Alexandre?

— A Igreja?

E o rapaz assentou-se por sua vez, fulminado pela pergunta.

— E a lei de Deus, meu filho, o homem póde desfazer?

Elle se levantou, irado.

— Que queres dizer com isto? Não casas commigo?

— Não te pódes casar ainda...

— Mas eu sou livre, e me disseste um dia que...

— Livre, tu que te casaste pela lei de Deus, insensato?

— Mas só o acto civil vale, minha querida.

— Está se vendo o grande valor, que cessa de uma hora para outra! Ouve, meu querido Alexandre: eu te acceitaria si Deus me pudesse te dar, e si achas que um contracto humano é bastante, eu não te faria feliz, sem a bençam de Nosso Senhor.

— Mas, Ignez, sabes o que me

estás fazendo, o mal que me enterras no coração ?

— Agora, que estás exaltado, sim; mas daqui a pouco, quando ouvires tua santa mãe, de quem aprendi isto, concordarás commigo.

— Não, Ignez, eu não concordarei comtigo, nunca, porque, por tua causa, sacrifiquei o meu filho !

Ignez levantou-se, pallida de horror.

— Como ?

— Para conseguir a annullação desse casamento nefasto, era mistér renegal-o, e eu o fiz.

— Desgraçado !

E, numa crise de desanimo, Ignez, assentando-se, começou a chorar.

Alexandre ajoelhou-se-lhe aos pés e, calmo, principiou a tenta-la.

— Escuta, minha querida: não é possivel que Deus me queira negar um pouco de felicidade. Elle que te collocou em meu caminho. Nunca fui máo; no emtanto, a peor das dôres me infligiram. Era um naufrago na vida, quando me deste a possibilidade de uma salvação. Havia meu filho, e eu, egoista, sedento de felicidade, sacrifiquei-o ao nosso amor. Será possivel que o teu Deus, tão bom, tão misericordioso, não reconheça que me cabe, afinal, o quinhão de ventura que me foi roubado? E isto se chama justiça divina, minha Ignez?

— Esqueceste o senhor e tens, no teu egoismo, o criminoso intuito de me afastar do seu amor. Como queres remediar uma desgraça, tornando-me infeliz? Jamais seria feliz numa situação que Deus não abençoasse.

Alexandre teve um impeto de colera; ergueu-se e atirou-lhe a injuria:

— Deus é o pretexto para não cumprires o que promettieste...

A moça estremeceu.

# ANNULLAÇÕES

*(Conclusão)*

— Alexandre, eu te perdôo, por que és muito desgraçado. Sabes que sempre acceitei com enthusiasmo o projecto de teus paes sobre o nosso futuro. Sabes tambem que nunca recebi, de homem algum, uma palavra de carinho ou de affecto; bani-os, os homens, do meu caminho, antes e depois que te casaste; sabes que sou espontanea, alegre, que amo a vida em sua exuberancia toda; sabes, emfim, que adoro o meu piano, que é o meu consolo e o meu grande orgulho. Pois bem: tudo abandono, a tudo renuncio, para rezar sómente, e pedir a Nosso Senhor que te restitua teu filho; mas casar comtigo, só pelas leis dos homens, estas mesmas que te libertam de uma mulher infame seja ! mas roubando-te, meu filho, nunca ! A virtude que te exalta em mim vem deste santo temor de Deus; é preciso que não te illudas. Nenhuma mulher póde vencer fóra da lei divina.

Acalmado, Alexandre se deixou escorregar de novo aos pés de Ignez e chorava como si fôra criança. Ella lhe acariciou a cabeça querida e, levantando-se, obrigou-o a imital-a. E por que estivesse esgôtada, e porque lhe quizesse muito, deixou-o com o desespero de mais essa terrivel decepção.

Sozinho, porém, Alexandre pensou. E, talvez porque a dôr o viciára já, sentiu-se tranquillo, resignado quasi. Sobre a secretaria, o retrato do filho, sorrindo, numa encantadora inconsciencia. Tomou-o e, num ansiado frenesi, premiu-o de encontro ao peito — pobre innocencia sacrificada !

Assim, a vida mandava-lhe mais uma tremenda lição: o sentimento é nullo quando pretende subjugar o dever.

De sua infancia longinqua, surgiu, então, num canto da memoria, a primeira préce que aprendera. Ignez tinha razão. Si ella, empolgada, tivesse cedido, vulgarmente, como qualquer moçoila casando-se, seria um desencanto a mais para o seu torturado coração; cessaria a razão de ser desse culto extraordinario que lhe votava á virtude inflexivel. Como não pensara nisto, quando se sumira do Rio para forjar, longe, um acto illicto ? E, novamente abatido sob a desgraça maior, pronunciou baixinho, como numa reconciliação:

— Bemdito seja Deus !

. . . . . . . . . . . . . . . . .

Ignez encerrou-se numa casa religiosa para cumprir a sua promessa. Ao cabo de dois annos, porém, Alexandre foi ve-la, tendo no olhar a mesma expressão de felicidade daquelle dia funesto; o sogro escrevêra-lhe pedindo-lhe que retomasse o filho. A mulher casava-se de novo e o marido não queria guardar o fructo de um outro. Mais uma vez a lei se retorceria...

Ignez, devolvendo-lhe a carta, olhou-o, numa arrogancia victoriosa.

— Crês, agora, no poder de Deus?

— Creio, por que tu m'o revelaste: Vem commigo: crearás meu filho, já que o restituiste á minha crueldade. Infiltra-lhe a tua virtude e eu vou, muito longe da felicidade que és tu, reconciliar-me com Deus.



PREÇOS DAS ASSIGNATURAS:
No Rio e nos Estados
Anno ........ 48$000
Semestre ...... 25$000
Venda avulsa em todo o Brasil, 1$000.

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.
Toda a correspondencia deve ser dirigida á

FON-FON
REVISTA SEMANAL ILLUSTRADA
Director: SERGIO SILVA
Redactor-chefe: Gustavo Barrozo — Thesoureiro: Cyro Machado
Direcção, Redacção e Officinas:
62, Rua Republica do Perú, 62
(Antiga Assembléa)
Telephones: Director: 2 - 0377 — Administração: 2 - 4136 — Caixa Postal 97
RIO DE JANEIRO

EMPREZA FON-FON e SELECTA S. A.
Representante em São Paulo: Empresa Americana de Publicidade, Lta. Praça do Patriarcha, 8 - sob. Caixa do correio 1431.
Representante na Europa: E. Bourdet & Cie. 9, Rua Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

# O MOMENTO SUBLIME

*(para Waldemar Chame)*

De ZELIA MOREIRA

ELLA reclinava a castanha cabeça nas almofadas macias e a sua mão, muito magra, pousava sobre o lençol que lhe cobria o corpo esqueletico.

Sentada á beira do seu leito de dôr, eu contemplava, com profunda compaixão, aquelle rosto emmagrecido, que a febre ruborizava, e aquelles olhos grandes circulados por um tom violaceo.

Os labios da enferma, de um rosa-roxo, davam, mais ainda, um "quê" doloroso áquelle rosto cadaverico...

E, ante os meus olhos, vi passar a visão linda daquella joven, quando no esplendor de sua belleza.

Vi-a tal qual quando a conheci: no seu longo e collante vestido negro, o que fazia realçar, mais, a belleza esculptural do seu corpo, a brancura de sua tez assetinada, o rubi sanguineo de seus labios carnudos e o verde profundo de seus grandes e brilhantes olhos.

— Rosemy era, naquelle tempo, a mocidade e a elegancia personificadas.

Como podia mudar, tanto assim, uma creatura, por um simples mal de amor? — pensei.

E' que a Rosemy de outr'ora, a joven aristocratica, tivéra, tambem, a sua aventura, o seu romancezinho amoroso...

Ante aquella transformação physica por que passára minha amiga, apenas poude balbuciar:

— Que mão foi "elle"!

Ella ergueu-se, então, agitada; tomou a minha mão nas suas mãos nervosas, e falou-me:

— Não o accuses! Não gosto que falem assim do homem que amei e que me fez conhecer a felicidade, ainda que momentanea. Eu que posso, que devia, mesmo, injurial-o, não o faço.

"Ah! minha amiga!... Soffri muito, e soffro ainda horrivelmente, mas ha um pouco de felicidade em todo esse soffrimento... Vivo de saudades amargas, saudades de um amor intenso... de recordações torturosas, que me massacram a alma; ha, porém nestas recordações, "uma" que suaviza as minhas amarguras.

"Lembrar-se de um momento de felicidade é sentil-o novamente, é ser feliz outra vez! E eu tenho no meu passado dourado, cheio de afflicções e magoas, nas minhas lembranças amargas, *uma hora bemdicta*, uma hora de gozo... um desses momentos de felicidade indescriptivel em que a nossa alma se eleva aos páramos da luz, ao paiz ethereo e divinal dos sonhos! Eu tenho no meu passado angustioso, esta hora feliz, este momento inesquecivel!

"Que me importam o soffrimento actual, as dores por que venho passando, a ingratidão cruel com que elle me matou o coração, si eu tive essa hora suprema, esse instante de delicia infinda, esse momento sublime que ainda hoje, entre as lagrimas causticantes que de meus olhos descem, me faz estremecer de emoção? Que me importa tudo isto, sabendo que a morte, em breve, me arrebatará dos braços da vida, si na minha saudade angustiada e terna sinto novamente tudo aquillo que senti, naquelle instante de amor?!

"Foi assim... A natureza esmaecia... A paz silenciosa e doce do crepusculo descia sobre nós...

Estavamos sós na minha pequenina sala dourada; era a primeira vez que tal acontecia.

"O amor, minha amiga, quando muito forte, nos emmudece, e eu não sabia como quebrar aquelle delicioso silencio que pairava entre nós. Olhava-o unicamente confessando todo o meu amor pela linguagem muda do meu olhar dolente... Depois... até hoje ignoro como foi... — parece-me que uma força superior ás minhas me impellia para tal — acariciei suavemente o seu rosto moreno, que se aproximava do meu, e, ao mesmo tempo... de mansinho... subtil... as nossas boccas, sedentas de amor, buscaram-se uma á outra...

Foi um beijo rapido, mas divinal!

Inegualavel! O meu coração, num surto espiritual, passou para o peito delle... nossas almas irmanaram-se!

Foi a confissão mutua do nosso grande sentimento!

Nem sei o que dizer-te desse momento! Minha'alma desprendeu-se levemente de mim... e subiu... subiu a uma região nunca por mim habitada... e só me lembro que fechei os olhos para não deixar fugir aquella rosea felicidade!

"Ainda hoje, minha querida, depois que elle se foi com "outra", para sempre, sinto nos meus labios o calor dos delle, sinto que todos os sentidos vibram de emoção como naquelle momento...

"E', pois, esse, o momento sublime, a lembrança divina que suaviza as minhas torturas... E' a hora feliz que dulcifica a minha saudade dolorosamente amarga..."

* * *

Parou de falar. O peito arfava com violencia e as mãos tremiam.

Reclinou novamente a cabeça nas alvas almofadas, e as duas pequeninas lagrimas que desciam tremulas por suas faces maceradas perderam-se entre a cabelleira castanha espalhada por sobre os travesseiros...

# Seis costureiras numa janella

TENHO vinte annos. Da minha janella, através da cortina florida, vejo seis costureirinhas por detraz da sua janella. São mais, por certo, porque o papaguear é ensurdecedor, mas não posso furar a parede para contal-as. E' peccado; por isso, não o faço.

Mas, para um papaguear ensurdecedor, não bastam já seis? Cosem e tagarellam, cosem e riem, para todas as janellas abertas na parede da casa em que móro, janellas de cima, janellas de baixo. Mas eu, a estas janellas, não posso vêr, e não sei, assim, si o riso dellas, e as dengulces, e os requebros me dizem respeito ou a outros.

Não posso, nem ao menos, distinguir bem entre uma e outra. A palavra e o gesto continuo das seis creaturas primaveris são como um véo a meus olhos que procuram sempre e não encontram. Não encontram o modo de escolher.

Tenho ainda vinte annos.

Devo escolher. Ha pelo ar pios de andorinhas e uma fragrancia insolente de todas as flôres. A historia costumeira de cada abril: mas que parece sempre nova. Por que concordamos em imaginal-a sempre nova?

Dependerá muito de mim o aborrecer-me ou não. Procuremos. Um gesto e uma idéa. Bastaria, por exemplo, naquelle momento, o gesto sem a idéa, si eu olhasse da minha janella para uma das seis costureirinhas.

Encontrei-a, afinal. O sol das nove horas, brilhando luminosamente no ar muito limpido pela chuva do dia anterior, avança devagarinho, devagarinho, até conseguir brincar sobre cinco cabeças curvadas agora, attentas á costuma. E é sufficiente para que eu veja sózinha, como numa cornija, a sexta, na sombra, a brilhar de fresca mocidade. E' delicada, emquanto as outras são rusticas; é sobria no comprimento e no sorriso, emquanto as outras se abraçam e fazem soar a sua alegria ruidosamente; está vestida de tudo e de nada, ou antes, de um nada que vale tudo, emquanto as outras parecem umas pequenas trouxas...

Tenho ainda vinte annos.

Procuremos, procuremos. Agora, por exemplo, que o astro cega os dez olhos das collegas tão distrahidas a olharem para cima, si eu deixasse cahir no pateo um bilhetinho, no momento justo em que a morena me fixa? Porque me fixou duas, tres vezes; não tenho a menor duvida a respeito. Veria ella sozinha a mensagem. O pateo é muito discreto: protector, senhoril, silencioso. Dir-se-ia que os poucos visitantes têm ordem de atravessal-o na ponta dos pés para não perturbar as estatuas nos nichos e alguns seculos de historia. Ella tambem passará na ponta dos pés ao longo da minha parede, curvar-se-á, rapidamente, para apanhar o bilhete sem interromper o seu caminho.

E ninguem o perceberá...

Dito e feito.

* * *

VEIO á entrevista. Um rostinho, na verdade, aristocratico: um modo encantador de estender a mão. Mas vieram, com ella, mais duas, e o engraçado, ou antes, o desastroso, é que todas as tres eram tres bonitos palminhos de cara. Que teriam visto os meus olhos, pouco antes, ainda estremunhados de somno? Mostro, pela triplice presença, alguma admiração. E' subitamente ventilada:

— Vimos as tres, porque todas nós temos cabellos pretos.

— ?!

— Sim, as outras são louras os castanhas. O seu bilhete falava de uma pequena de cabellos negros. Não devia haver duvida para o *cavalheiro*; para nós, sim.

— E quem apanhou o bilhete?

— Eu.

— Então...

— Fiquei em duvida. Alguma coisa para mim, comprehendi, naturalmente. Mas não lhe agradam as minhas duas amigas?

— Agradam-me, por certo.

— Namorador!...

Era uma das amigas que falava.

— Namorador, não. E' possivel que me tivesse confundido quando as olhava coser e tagarellar por detraz da janella; agora, não. E porque me agradam todas tres, não estarei no dever de escolher? Não sou, por certo, um pachá da velha Turquia para dar-me ao luxo de tantas damas...

— Por que diz ter-se confundido emquanto o olhavamos a rir?

— Porque o sol illuminava cinco das seis, occultando-se numa luz deslumbrante. Via apenas...

— Irma.

— Sim, Irma, que estava na sombra, a sexta.

— E agora não sabe a quem escolher; mostra-se assim mais namorador ainda.

— Obrigado!

— Clara, Thereza, deixem-n'o ficar. Si viemos á entrevista, quer dizer que nos pareceu a todas um bom homem.

Deus! como me envelhecia aquelle *bom homem*! Mas fiquei com as mãos nos bolsos a gozar do batebocca. Depois de alguns encolhimentos de hombros e de alguns muchochos, Clara e Thereza sacaram um: "Olhem só a literata!"

— A literata?

— Sim, sim, tem sempre a bolsa cheia de papeis rabiscados, de novellas, diz ella. Mas que comprehendemos nós de suas garatujas? Si procurar agora, encontrará uma dellas na bolsa que traz. Quer dar a entender que um grande destino a espera. Comprou um papel de carta com estas palavras: "Espero a minha estrella." Sim, espera.

E uma risada secca foi soltada pelas duas. E em seguida, uma dellas:

— Está com os olhos em cima do *bom homem*, como si tivesse cahido do céo um homem extraordinario, algum escriptor, algum jornalista. E' jornalista, o *cavalheiro?*

— Não lhes dê ouvidos: estão verdes de raiva.

— Deixar-me-á vê os seus escriptos?

— Aqui, não. Mas, de certo, ha de lêl-os mais tarde.

— Ao almoço agora?

Um silencio aborrecido. Comprehendi que Irma queria perguntar-me: "Eu só?"

O aroma inebriante do "Frascati" e um perfume de brilhantina vinham das tres cabecinhas negras de cabellos ondulados, brilhantes de sol. E, em terceiro lugar, a malicia que nunca abandona um cerebro de mulher, nem ao menos na ampla quietação das horas alegres. Clara e Thereza vieram recordar-m'o.

— Irma já fez você ler as suas novellas?

# De RENZO SACCHETTI

E Clara, mais velhaca:

— Mas si está sempre a trabalhar! Cose tão bem...

Irma, calada, lançou-me um olhar de intelligencia.

— A que horas volta para o trabalho?

— A's quatro. Ha tempo. E si fossemos dar um passeio de automovel?

E, sem esperar mais, Clara agarrou-se ao telephone para chamar um auto.

Aquellas flôres compradas durante o passeio e aquelle carro custaram-me dinheiro...

Mas as garatujas de Irma tinham-me espicaçado a curiosidade e aberto a bolsa.

* * *

SIM, um dia depois, voltou sozinha, ás doze e um quarto, pontual como um chronometro.

— Onde vamos almoçar?

— Além de San Giovanni desta vez, descendo pela Appia Nova, pouco aquem de Cessati Spiriti.

— Não, não é bastante ainda.

— E como nos apresentamos?

— Como bôa gente: duas pessôas de respeito. Mas tambem, si o não fossemos, não haveria necessidade de mostrar aos outros aquillo que eramos.

Voltei-me para olhál-a. A intelligencia subtileza das suas palavras tinha-me feito pasmar.

— Escolha, então.

— Certamente. Leve-me ao restaurante da Villa Borghese.

Sem duvida, o meu rosto tomou uma expressão de terror, porque Irma se apressou a accrescentar:

— Está contrariado com isto? Na verdade, com uma costureira... Mas não vê como estou bem vestida? No inverno, póde haver differença entre mim, que não trago pelliças, (por altivez não disse: porque não a posso comprar) e as senhoras que a trazem; mas, agora, a primavera que está tão tépida, nos põe a todas iguaes. Bôa presença vae do gosto e não de quem tem mais recheados os bolsos, em tal estação.

— Per *Bacco!* onde leu você tão bellas phrases? A' vista de Villa Borghese, toma já uns ares de grande dama! Não é o seu officio que me perturba, é a minha bolsa.

— Não tem cem liras na algibeira?

— Tenho cem, e mais de cem até. Mas é necessario, então, lançar-se fóra o dinheiro, por que a gente o tem?

— Vejamos: dê-me a sua carteira. Fazem-se considerações de tal genero somente quando se têm os bolsos vazios.

Tomou-me a carteira: remexeu-a sem escrupulos.

— Cento e cincoenta! Que diacho! Não é grande coisa!

— Si é você que o diz...

Chamou um auto de praça. Subimos. Deu o nome da rua e do lugar.

Em Villa Borghese, quando já fóra do automovel e quando eu me detinha a pagar o *chauffeur*, vendo-a subir a escada do restaurant, falou:

— Que ares!...

— Que diz?

— Eu? Não falei nada.

Abstive-me de insistir. Era conveniente fingir não ter comprehendido.

A pequena costureira entrou no salão, sahiu para o terraço e tomou lugar numa mesa com tão perfeita desenvoltura, que não púl impedir-me de uma pergunta:

— Já esteve aqui?

— Não; nunca.

— Dir-se-ia o contrario. Está tão desenvolta...

— Comprehendeu, agora, que não nasci para ser costureira?

Evidentemente; e cahia das nuvens a todo o momento, porque Irma proseguiu:

— Não se afflija. Póde passar por meu tio e eu por sua sobrinha. Ouviu-me? Tem tanto medo de ser visto commigo...

— Não diga tolices...

E eu pensava mesmo no contrario, porque, numa mesa opposta, se tinham assentado dois amigos, um dos quaes me lançava olhadellas e, depois, se ria com o companheiro.

Irma escolheu na lista, para mim e para ella, os pratos preferidos, sem ao menos consultar-me. Apressava-se para afastar o *garçon*. Tirou, então, da bolsa, com grande cuidado, algumas folhas.

— Escute: é uma das minhas producções. Assim a questão de nosso parentesco descendente tornar-se-á mais verosimil.

— Ah, as suas composições!

No mál estar em que me encontrava, tinha-o esquecido. Mas não acabára ainda de refazer-me, quando um titulo passou deante de meus olhos, cheios de curiosidade de novo: — *Seis costureiras numa janella.*

— Bello titulo para uma novella! Quem lh'o suggeriu?

— Como você é tolo!

— Queira desculpar-me. A minha duvida desapparece inteiramente deante de um elogio seu.

— Você sabe trocar bem as cartas na mesa, mas não importa. Não tem a impressão de um titulo de Pirandello? A falar verdade, comprehendo pouco Pirandello, mas dizem que é um homem de muito talento e, sobretudo, um nome da moda. Agora julgue o esboço.

Olhou em torno, aproximou mais a cadeira e proseguiu:

— Lerá depois estas folhas. Metta-as no bolso. Sei que vae encontrar um montão de erros, mas alguma idéa bôa existe tambem, estou certa. Si lhe agradar, servir-se-á della para uma novella á qual dará um bello entrecho e uma bella fórma, como sabe fazer tão bem.

— Sabe que escrevo?

— Que...

— ...tolo!

— Sim, isto; ia dizêl-o novamente, mas me preveniu a tempo. Entregar-lhe-ia então o meu rascunho si soubesse que não era quem é? Leio sempre os seus romances, as suas novellas, nos jornaes e nas revistas.

— E para que deve servir o seu thema?

— Para tornar-me escriptora. Assignarei a novella.

— Mas uma novella não bastará, certamente, para arrancal-a ao officio de costureira.

— Mas você escreverá outras. Penso em publical-as; tenho quem as acceite. No emtanto, irei aprendendo a escrevêl-as por mim mesma. Nada lhe poderá acontecer de mal com isso; você é um novato, não lhe custará muita fadiga, e fará uma bella obra, uma

*(Cont. na pag. seguinte)*

# Seis costureiras numa janella

**(*Conclusão*)**

obra humanitaria, arrancando-me ao tormento dos olhos, que assim se chama o trabalho da agulha.

A novidade da aventura agradava-me.

— Farei o que diz. Conte commigo. Segunda-feira terá a novella.

As outras duas horas correram deliciosamente em companhia de Irma.

A producção litteraria da costureirinha, achacada de literatura desordenada, não continha nada de novo. Um contosinho de aguas de rosas com alegre desfecho nupcial. Tanto melhor: podia respigál-o sem escrupulo e desenvolvêl-o á minha vontade. Puz-me logo á obra, pensando que a illusão de collaboradora no trabalho lhe restava desde que tivesse dado o titulo.

Que coisa poderiam fazer seis costureirinhas numa janella? Eis, vejamos. Tagarellices, sobretudo. Está bem. Mas ha necessidade de outras coisas para interessar o publico! Eil-as, eil-as. Numa janella da parede opposta, appareceu um joven sympathico, de futuro, um cavalheiro, porque tocava violino. Será um grande concertista? Talvez. Ellas procuram fazer-se notar, despertar a sua attenção. Ah, mas não todas ao mesmo tempo! Aqui a tagarellice solidaria cessa e é substituida por um silencio feito de olhares furtivos, de pequenos gestos quasi imperceptiveis. Cada uma, de per si, se esforça por prendêl-o. Mas são seis grandes esperanças que devem passar pela estreita abertura de uma unica janella e não se devem tocar para não trahir cada uma o proprio segredo. E' mais facil passar um camelo pelo fundo de uma agulha... Não, na patria de Marconi, tal pessimismo é uma refinada tolice! As suas ondas que levam com a rapidez do raio aos lugares mais remotos, a linguagem falada e escripta, não se cruzam, talvez, em mil direcções sem se comprometterem nos contactos invisiveis? Seis series de radiogrammas passam, então, pela unica janella, brincando de esconder á soleira do amor. A transmissora mais habil, uma morenita esbelta e elegante, põe em movimento o seu serviço de informações; descobre que o joven não é violinista, mas industrial, e consegue fazer-se acolher como amiga, junto á secretaria do seu escriptorio, lançando por terra, uma a uma, todas as rivaes. E o jogo, tão bem acertado, está a ponto de terminar mais tarde nas justas nupcias com o homem de negocios, todo orgulhoso por ter descoberto na futura mulherzinha preciosas virtudes praticas para prosperidade dos negocios caseiros. Mas reapparecem as cinco competidoras, furiosas por terem sido postas de lado com tanta arrogancia pela protagonista. Que desaforadas! Põem deante dos olhos do joven todo um elenco de... predecessores; e, para que não o duvide, informam-n'o de que todo o mundo do severo edificio protector, em todos os quatro lados do pateo florido, os conhece, um por um. Mandam deste modo pelos ares o idyllio e as nupcias.

* * *

NA segunda-feira, Irma se mostrou mais gentil. Como lhe agradara a novella! Levei-a uma outra. E prometti enviar-lhe uma terceira no dia seguinte. Confesso que a aventura me agradava bastante.

Nós a lemos, a ultima novella, durante um almoço sob um caramanchão coberto de rosas, em frente á egreja de São Sebastião e dos cyprestes e pinos italicos ao da Appia Antica, que ficam além do tumulo de Cecilia Metella.

— Como somos felizes! Não é verdade, tio? Todas as vezes que deixava escapar aquella palavra "*tio*", vinha-me aos labios um tregeito, mas eu o continha de prompto, pensando: "Ha um desfilar ininterrupto de gente a pé e de automoveis, a esta hora pela Appia Antica. E' justo que Irma procure guardar as apparencias."

O auto-omnibus das tres e meia, carregado de turistas italianos e estrangeiros, nós o tomamos para voltar a Roma. Irma collocou-se ao meu braço no lugar já por si estreito em que nos assentámos.

— E agora preste attenção ao que lhe vou dizer. Não nos veremos durante uma semana sinão da janella, como habitualmente; sem encontros.

— Como?!

— Sim, porque quero vir ter com você trazendo a primeira novella publicada já. Aborrece-se com isto?

Não me persuadi, mas resignei-me.

— Deixe que eu decida por mim, tio. Sei o que faço.

— E onde vae publicál-a!

— Verá.

Por toda a semana, Irma não levantou a cabeça do trabalho para olhar-me á janella, sinão tres ou quatro vezes (pelo menos não contei mais nenhuma) e sempre rapidamente. Quanto ás tagarellices das outras costureiras, tornaram-se mais vivas e mais interessantes, que nunca; eu percebia que, de vez em quando, o protagonista de um certo almoço fóra das portas de San Pancrazio apparecia no papaguear interessante.

Os sete dias da semana se foram sabe Deus como. E eu esperei o bilhetinho que me annunciaria, na manhã seguinte, o ponto do novo encontro. Chegou-me ás mãos, em lugar delle, um numero brilhante da revista, não á venda ainda, a bella revista côr de violeta, alegria de todas as jovens damas, de todas as senhorinhas, de todas as costureirinhas, de todas as dactylographas. E, junto, uma carta de Irma.

Precipitei-me para a ultima. Dizia assim:

"Caro tio: — Não se encolerize com o que vou dizer a respeito da combinação que fiz com você. As novellas servem-me, não para tornar-me uma escriptora, mas para decidir o meu Julio a desposar-me. Dizia-me sempre desejar casar-se com uma mulher que o impressionasse com algum gesto novo, diverso das momices costumadas, dos habituaes encontros, etc. E' um bom empregado, mas tambem um romantico com a cabeça nas nuvens. Decidi-o, fazendo-me passar por escriptora. Agora está preso para sempre. Leu todas as tres novellas, a publicada agora, e as outras duas á espera de publicação, e está satisfeito. Quererá você ser a testemunha do nosso casamento? Eu lhe disse uma parte da verdade: que você me reviu as novellas e as levou ao director da revista. Assim já ficou sabendo que nos conhecemos.

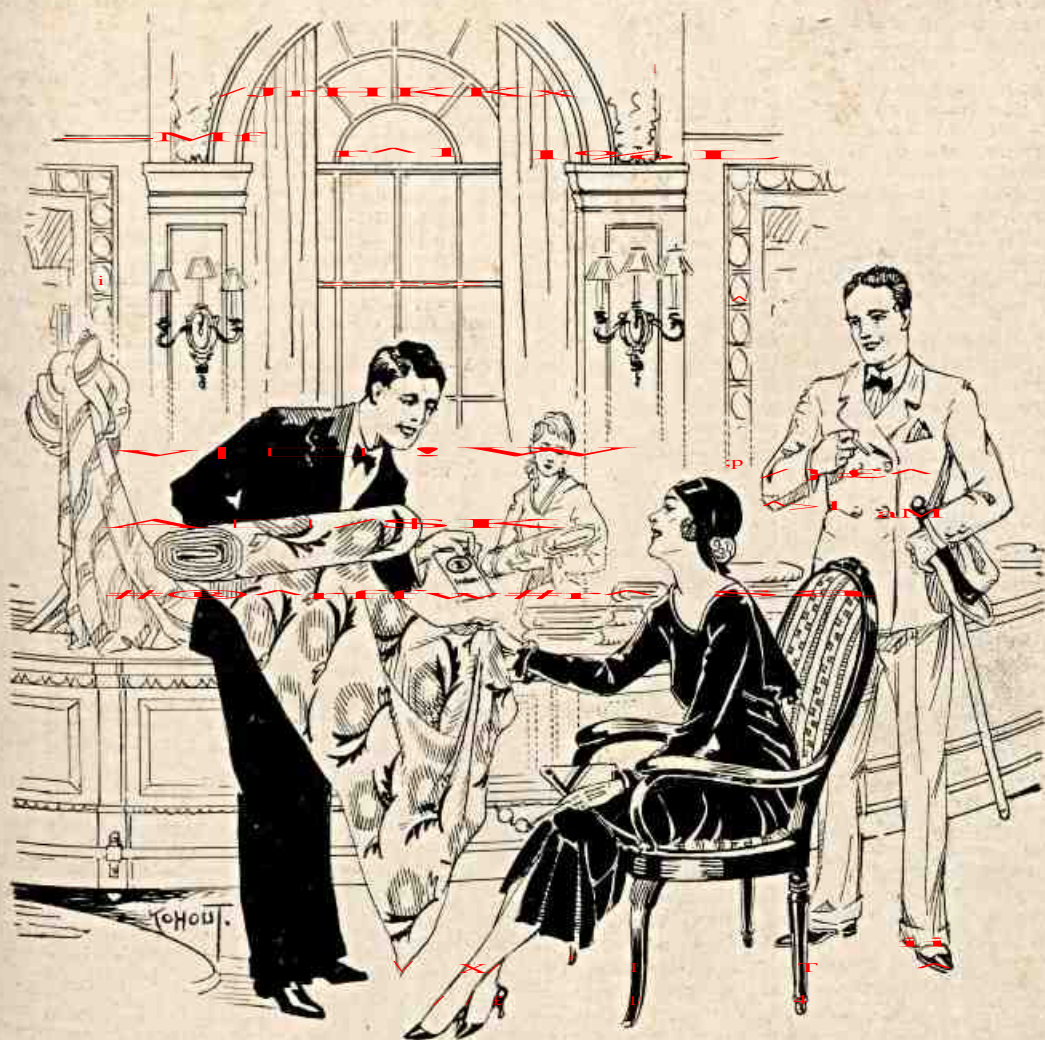
"Obrigada, tio. Você foi o meu bemfeitor! Um bom aperto de mão. Espero resposta sua. — *Irma Parini.*"

"P. S. — Póde crer que lhe disse toda a verdade! Si quizer assegurar-se, pergunte á porteira, sob qualquer pretexto, si pão é certo que no quarto, abaixo do seu, reside o guarda-livros Julio Barzanti. E' o meu noivo, que não se intimidou com qualquer costureira minha rival, e não renunciou, em absoluto, a desposar-me, como acontece na sua novella."

Um Julio Barzanti, no andar de baixo!... Abri, mais vagarosamente, a revista. Trazia, no lugar de honra, — *Seis costureiras numa janella*, com o nome por extenso da costureirinha e uma apostilla elogiosa em que algumas ligeiras notas biographicas apresentavam ao publico a nova promessa que trocára a agulha pelas letras.

Um impeto assaltou-me: "Que canalha! Não esqueceu nenhum particular; nem a certeza de que não a poderei nunca desmentil-a sem tornar-me ridiculo aos olhos de todos!"

De facto, os leitores hão de recordar-se. O meu conto começou com uma hypocrisia: "Tenho vinte annos:" escrevi por tres vezes na primeira columna. A verdade está na somma: sessenta annos.

Irma e Julio têm, juntos, quarenta e cinco...

## O ARGUMENTO DO VENDEDOR

— **Aqui tem v. ex. a etiqueta que garante a fixidez das côres do tecido. Póde leval-o com toda a confiança; é tecido tinto com**

# INDANTHREN

**o que significa que é resistente ao sol, á chuva e ás repetidas lavagens.**

**Casas onde já se acham á venda tecidos tintos com**

# INDANTHREN

**e marcados com a etiqueta registrada: —**

**Armazens Brazil, Casa Allemã, Casa Monteiro, Casa Nunes, Casa Pacheco, Casa Sucena, Lemos Rabello & Cia., Palacio das Noivas, Parc Royal, Souza Baptista & Cia.**

# AMARGURA

— Um amor impossivel! Sabes lá o que isto quer dizer! Sentir a gente uma affeição profunda, uma ansia incontida, um desejo louco, querer toda a vida uma mulher, sem que della nos venha, ao menos, a ternura de um olhar ou a meiguice de um sorriso, que nos alente e nos conforte, recompensando as noites mal dormidas e os pensamentos sempre voltados para a sua figura fugidia, na inconsciencia da sua formosura e na indifferença do seu coração dormente ou legado a outrem como o preço da nossa desgraça, passar por nós como si fossemos um atomo invisivel, é horroroso! E' superior ás nossas forças!

Deitarmo-nos quasi mortos de cansaço e surprehendermos os nossos olhos seccos, abertos, abandonados do somno, fixos, a olhar para dentro de nós mesmos, numa vigilia de tedio e de abandono, que nos vae, lenta e desgraçadamente, consumindo-nos a felicidade e a esperança dos dias futuros, é o maior tormento de uma vida!

Architectar a gente um palacio sumptuoso, erguendo hoje uma columna sinuosa, amanhã uma torre rendilhada, depois compôl-o com as mais finas tapeçarias e lavores, burilando o tecto e polindo os metaes, na variedade elastica da nossa phantasia e por fim, nesse ninho que o nosso sonho creou, um outro, alheio, inteiramente, á nossa perseverança e ao nosso cuidado, se apossar do nosso castello cheio das maravilhas que idealizamos, é monstruoso, horripilante!

Achas-me triste. E poderei, por acaso, estar alegre, quando sinto, no logar onde o coração pulsava, um vacuo aberto pela descrença, negro e soturno como as noites longas do meu tedio, achando, dentro de mim, a esperança morta e uma saudade torturante a corroer-me sempre, saudade que me diz na eloquencia da sua mudez o quanto de impossivel o meu amor se torna, fazendo-me infeliz?!

Que eu devo divertir-me. Que eu devo passear, — aconselham-me.

Eu penso que não. Aqui, ao menos, só, entre as paredes núas do meu quarto, posso habitar o castello das minhas affeições, sem que ninguem me possa privar disso. Na rua, tudo muda de figura: a alegria que eu possa surprehender nos olhos dos namorados, ha-de, por certo, causticar-me ainda mais dentro do egoismo e da inveja, naturaes e humanos. A tristeza que eu divisar no rictus de uma face ou na contracção de uma bocca virá directa a mim, e dir-me-á que eu sou o causador daquella magua, porque só eu tenho o direito de ser infeliz. A tristeza e a alegria, sendo sentimentos antagonicos, são iguaes na fórma: querem recolhimento. Pódes ficar convicto de que o individuo que busca, nos passeios, nos theatros, nas mesas do bar, um lenitivo á sua magua, ou dar mostras da sua ventura, não sente nenhuma das duas coisas. A verdadeira felicidade é saboreada a sós. Num cantinho vermelho luminoso ou obscuro, ella viverá e cantará nos labios vermelhos e sorridentes de quem a traz. O mesmo se dá com a desventura, variando apenas no colorido do local e na feição da bocca: a magua intima e profunda repelle tudo que não seja já sombrio, ermo, vago, e os labios de quem a sente são quasi sempre contrahidos e murchos. E o maior consolo de quem vive só, immerso na sombra e na agonia do seu proprio eu, é, ainda, pensar na tristeza que lhe adveio de um amor immenso, que seria a pagina côr de rosa do livro do seu destino, olhando vagamente as espiraes azues, arabescas e caprichosas de um cigarro que se vae consumindo entre os dedos nervosos, nas [illegible]raerens que elle produz, doces e deleveis como somente os sonhos sabem ser.

Observa as tonalidades deste crepusculo. O sol vae-se afundando lentamente no ocaso violaceo. A noite cae devagarinho, como que a mêdo. Nota que, na hora extrema da agonia da tarde, um clarão momentaneo illumina os quatro pontos cardeaes para, immediatamente, [illegible] as trevas descerem de rôjo.

Por GILBERTO VEIGA

ptamente, sobre a terra cinzenta. E' o meu caso.

Muita vez, sinto na alma, passageiramente, derramar-se o balsamo da illusão. Os meus sentidos se revestem de formosa visão e vejo-me feliz, amado e desejado pela mulher dos meus sonhos. Um momento apenas! E' o clarão interior da minha tarde agonizante... E a escuridão densa da tristeza me invade com mais furor, com mais impeto, de chofre.

Quantas vezes, altas horas da noite, me tenho erguido do leito, com os olhos ardentes pela insomnia e as entranhas queimando de febre e de desejo e, do parapeito da minha janella, fitando a cortina azul do céo pontilhada de minusculos pregos de oiro, tenho acompanhado, horas a fio, esquecido de mim mesmo, a lua redonda e branca, bebendo, com as pupillas seccas, os raios prateados que se desdobram indefinidamente, na esperança vã de que elles me trarão a paz que se foi com o amor que nasceu!

Ah, meu amigo! A amargurra de quem vive só! Eu sou como a palmeira que se ergue no mar revoltoso das areias do deserto: não sente o piar dos passarinhos e a caravana passa ao longe, porque a sua sombra é devorada pela inclemencia do sol. São raros os que me procuram, porque, no ambiente da minha vida, outra coisa não existe além da fumaça de queixas e desabafos. E as amarguras que não nos tocam o peito, fazem-nos mal aos ouvidos, contaminando-os.

Que a razão directa da infelicidade está no pensamento. Que eu procure esquecer, que me sinta alegre, dominando o desespero que me invade e o socego retomará o curso abandonado, — dizem-me os inconscientes no limite da ignorancia.

Como posso esquecer? Póde a gente olvidar aquillo que nasceu no coração e se foi infiltrando pelo cerebro até dominál-o inteiramente? Seria arrancar as proprias fibras, as nervuras do orgão da vida, reduzindo-o á inercia e á insensibilidade. Para o meu mal ainda não se fizeram remedios ou palliativos.

Queres conhecer um pouco, analysando a intensidade do meu affecto e a agudez dos meus padecimentos, o quanto bastava para eu ser feliz? Pois escuta: um dia desses, eu estava abandonado, entregue inteiramente ao desalento dos meus dias, quando dos meus labios, sem que eu o presentisse, escaparam dolentemente, uns fracos sons: era um trecho da "Tosca". Subito, notei que alguem, passando pela minha porta, ligeiramente cerrada, me acompanhou com uma voz muito terna, muito dôce, suave como um gorgeio, mais parecendo um sôpro celestial. Só a voz de quem amamos nos sôa assim tão languidamente e, por isso, num arranco, quasi allucinadamente, escancarei a porta, prevendo a mulher eleita no altar do meu desejo. Não me enganára. Era ella. Passou por mim e desta vez me olhou. Os seus olhos de crystal, porém, tinham a immobilidade das aguas paradas! Nem um reflexo, nem o mais leve signal de affecto, nem o mais longinquo carinho, nem a sombra de um desejo pude divisar nas pupillas velludosas. Eram olhos de estatua, olhos de marmore, sem expressão e sem vida!

A indifferença que ella levou, quasi me suffocou. Senti que o ambiente se turvára e minha bocca sabia a fél. No coração, a descrença se infiltrou como nunca, e perdi, desde então, o resto de luz que illuminava a esperança de melhores dias. Um sorriso era o bastante para que eu sentisse as portas da vida abertas de par em par. Um olhar de gêlo foi o sufficiente para cavar o tumulo da desventura, sepultando nelle toda a minha felicidade.

Era quasi noite cerrada. O planger dos sinos, ao longe, chegava até o aposento da tristeza, como um gemido prolongado e funebre ou como um grito abafado de encontro ás almofadas da dôr e do desespero...

**ISIS** (Capital) — Como V. Ex. pede a publicação de sua carta, ella aqui vae com todas as suas *tatatas*... portuguezas. Prepare o vidro de agua de flor, no caso de uma crise de nervos... e de espirito...

Dois pontos:

"Yves — Você bem podia ter deixado de commentar a minha carta, porém, *commentando-a* ficou em evidencia sua perversidade de espirito. Expoz meus erros ao ridiculo.

Não direi agora que você é violento, mas terrivel, perigoso, celibatario, solteirão como eu; e si a sua letra não accusar o que eu affirmo, então a graphologia é uma *ciencia* faillivel.

As letras nacionaes *ganharão*, é verdade, a minha syntaxe, mas, em *compensação*, ficaram livres dos seus *vercinhos*, o que aliás já é ter sorte...

Você já deve estar cançado de *supportar* leituras cacetes do Saibam todos, não é ? Pois *pessa dimissão* e vá *pro* campo *prantar* favas ou batatas, agora que o paiz *percisa* tanto de braços para a *lavôra*.

Você ficará curado da sua fadiga e voltará... cheio de dinheiro. Siga o meu *concelho* que você *dar-se-ha* bem . Até breve.

Quando responder a minha carta, não se esqueça de publical-a.

*Isis*"

Seja feita a sua vontade. Ahi está a sua carta, tal qual V. Ex. a escreveu: cheia de *batatas*... (O grypho é meu).

E como V. Ex. me aconselha a ir plantal-as no campo, devo declarar que o paiz não está tão necessitado de agricultores. Pois si V. Ex. mesmo, sem sahir do Rio, nos pode offerecer, numa simples carta, uma tão farta colheita daquellas tuberosas... Gostou ? Si não gostou, direi então que V. Ex., fazendo critica da minha pequena obra, naquelle seu cassange côr de rosa, dá-me a certeza de que o meu *O Suave Enlevo* não se fez senão para as moças de illustração, entre as quaes é preciso incluir as encantadoras paulistas e gauchas...

Quanto á graphologia, o maior elogio que V. Ex. pode fazer a essa sciencia, é negal-a com tão viva obstinação. E' claro que V. Ex. teria de negar uma sciencia, que vae descobrir na sua personalidade certas falhas que V. Ex. confirma, cada vez, com as attitudes que assume perante o redactor desta pagina.

V. Ex. me chama violento — porque declarei que a graphologia indicava os traços do seu caracter.

Ora, então V. Ex. em vez de desmentir o que affirmo, vem, ao contrario, confirmal-o com a sua maneira de agir. Não basta V. Ex. dizer que sou isto ou aquillo, para negar um defeito que possue. O principal é provar com actos, e não com palavras, (*res non verba*) aquillo que pretende provar.

Repare: para demonstrar que não sou violento, eu me limito a rebater tudo o que assegura contra mim, com um bom e alegre sorriso de perdão. Não amarro cara. E não arremetto contra a sua orthographia de escolar do 1.º anno...

E, agora, adeusinho...

VICTORIA REGIA (Pernambuco) — Uma carta que me chega da minha terra. E' sempre uma deliciosa emoção que recebo. Ellas são como um oásis, que se nos depara no meio desse turbilhão de poetastros e *bas bleus* insignificantes que nos assediam com pedidos de publicação das suas tentativas literarias. Oh ! é um allivio!

Lendo a sua missiva, sente-se bem que V. Ex. é dessas jovens gordinhas, pequenininhas, de cabecinha chatinha, redondinhas, que se esforçam para ser gaiatinhas, humoristasinhas, etcetarasinha.

Eis aqui a sua missiva, onde não ha perfume, mas onde se encontram laivos de um talento de professorinha de Caxangá ou de Afogados.

Será V. Ex., na verdade, uma professorinha ? Dessas que a creançada chama "fessóra", *tout court* ?

Mas vamos ao que me escreve. Dois pontos:

"Amigo Yves: li a sua resposta e como gostei do *cavaco* que você deu, escrevo-lhe novamente, não uma carta côr de ócre, mas da côr do burro quando fóge... para bem longe... Conversemos.

Chamou-me você de ingenua a 1830 ? Pois errou. Não Yves. As minhas idéas são as mais praticas e modernas, precisamente as idéas de 1931, e por isto, não me admiro que você exija remuneração pela sua complicada arte (ou sciencia) ? Acho uma cousa logica e clara como o dia... de sol.

Isto de almoçar "Pasteis de brisa" é com o Bastos Tigre (seu parente) ? e que a Light lhe dê um bonde, não o desejo. Onde você e abrigaria ? Mas você é trocista e é tão bom provocal-o, Yves !

Ora, os meus 20$ ou 30$ não viajarão por emquanto para o seu bolso, mas ficam á espera que barateie o artigo, ou antes, comprarei com elles lindos berloques entre os quaes um volume de "O Suave enlevo". Não sou pratica ?

E' verdade estar exgotada a edição do seu livro ? Foi o que me affirmaram aqui nas livrarias.

Quanto a sua explicação sobre o D. Jayme, perdôe-me, mas fiquei na mesma. Não quer denuncial-o ?

Bom dançarino, o Berilo? Aconselhou-o a fundar um curso choreographico para *barbados*, afim de occupar as horas vagas, se elle as tem. Com tal tesoura e tantas saias compridas...

O Recife vai bem e lhe envia saudades ! Uma cousa o entristece: é o esquecimento de certos inspirados poétas pelas suas tardes tranquillas, com occasos luminosos e o Capiberibe cheio, polido, serpejante...

Responder-me-á, Yves ? Por favor não me mande ás favas, que não gosto dellas.

Aqui vai um bem penambucano aperto de mão, com os mais ardentes votos pela sua completa felicidade neste Novo anno,

Da

*Victoria Regia."*

Mas vamos ao que me escreve. Dois pontos:

As respostas que devo a V. Ex. vão aqui englobadas em *itens:*

1º—Si a Light me desse um bonde, eu só o acceitaria, si viessa cheio de literatos... Seria um meio pratico de mandal-os para o Polo Norte ou para o "outro mundo"... dentro de tal bonde...

2º—V. Ex. não teria mau gosto, si comprasse o meu livro. Já é tempo das moças bonitas (gostou ?) ajudarem os autores pobres.

3º—"O Suave enlevo" está na 3ª edição e encontra-se na Livraria Alves, á rua do Ouvidor, 166. Preço 4$000. Geralmente, os livros do Rio não vão para os Estados, porque a maioria das livrarias estaduaes não pagam os que vendem. Resultado: os livreiros se vingam, dizendo synthetica-mente: A edição está esgotada".

4º—*D. Jayme* é o pseudonymo de Gustavo Barrozo.

5º—Não sei si o Berilo acceitara o seu conselho. Não me parece que elle tenha o mau gosto de fundar um curso de dança para barbados. Em todo caso, si se trata de solteironas, são preferiveis os primeiros...

6º—Gostei muito do postal que me enviou e onde se reproduz, numa photographia colorida, um trecho do rio Capiberibe.

CARMENCITA (Capital) — Oh, que fim levou ? Até hoje espero a sua visita. Bem sabe que estou ás suas ordens.

Recebi o livro que me offereceu como presente de Natal. Francamente, só conhecia daquelle poeta, apezar de classico, excerptos publicados em *El Hogar*, revista de Buenos Aires. Agora terei opportunidade de lel-o em obra una e consagrada pela critica tradicional.

—



Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando, tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

• • •

GRAPHOLOGIA — *condições indispensaveis para se obter um estudo graphologico: 1.º — Escrever sobre papel liso, de linho, vinte linhas, no minimo; 2.º — O assumpto deve ser o de uma carta commum, traçada em posição normal e com a graphia habitual; 2.º — A assignatura deve ser authentica, afim de que o estudo corresponda á verdade scientifica; 4.º — Sem preencher esses requisitos, nenhum consulente será attendido.*

• • •

*Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo, devidamente preenchido.*

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97

Telephone 2-4136

—

FON-FON — 31-1-931

Data da consulta ..................

Nome do consulente ..................

..........................................

# Toilettes de praia

As lindas manhãs de sol que illuminam a deslumbrante paizagem carioca, fazem-nos despertar mais cedo e convida-nos ás delicias da vida ao ar livre.

O banho de mar, com todas as restricções que á sua indumentaria propria impõnham os regulamentos, constitue um dos maiores encantos desta cidade de praias maravilhosas. Mas, ainda para os que não se sintam seduzidos pelos prazeres da natação e do mergulho, o banho de sol ou o simples passeio pelas praias, ás primeiras horas do dia, já constituem um verdadeiro encantamento para o corpo e para o espirito.

E é uma esplendida opportunidade para exhibir as toilettes leves e simples de linho, de cambraia, de "voile", de côres alegres e desenhos vistosos que tão harmoniosamente se casam com o ambiente *bleu-vert* do mar, da floresta e do céo.

Entretanto — sabem-no as senhoras elegantes — as fazendas estampadas muito soffrem no seu colorido por effeito da luz violenta do sol; rapidamente esmaecem, tornam-se "fanées"; e um vestido, por mais bello que seja, perde toda a elegancia desde que soffra na nitidez de seu colorido.

Felizmente o mal não é sem remedio. Ao contrario, póde-se dizer que só lhe sente as consequencias quem considere um prazer esbanjar dinheiro inutilmente.

Porque, graças aos corantes fixos "*Indanthren*", têm-se hoje, tecidos de côres firmes que resistem á influencia do sol, da chuva e das repetidas lavagens.

Uma senhora que tenha uma noção clara da elegancia e da economia não adquire sinão fazendas de côres resistentes; fazer o contrario é gastar sempre dinheiro e ter sempre vestidos novos mas que parecem velhos.

# O que nem todos sabem

Ao grande poeta e romancista Maeterlinck, o medico prohibiu terminantemente que fumasse. Era Maeterlinck fumante inveterado; as idéas não acudiam ao seu cerebro, as imagens não brotavam de sua imaginação, senã oao influxo aromatico do cachimbo. Que fazer? Entre o risco de perder a saúde e a incoercivel força do habito, Maeterlinck achou um expediente genial. Tomou de novo o seu cachimbo e pôz-se cuidadosamente a enchêl-o com fumo escolhido; paciente operação que precedia habitualmente ao trabalho.

Mas não accendeu o companheiro predilecto; contentou-se tendo-o na mão, levando-o uma vez ou outra aos labios e chupando-o como uma creança á mamadeira... O gesto voluntario tornou-se automatico e o cerebro do poeta recebeu a inspiração e as idéas, verificando-se bem succedido o estratagema, tão engenhoso e facil, que seria pena não communical-o a todos os fumantes em opposição aos seus medicos.

* * *

Entre os banquetes opiparos que recorda a historia, conta-se de um que Catharina de Medicis offereceu em Paris, em 1549. Serviram-se nelle trinta pavões reaes, trinta e tres faisões, seis porcos, vinte e um cysnes, trinta e tres lebres, sessenta e seis gansos, noventa e nove gamos grandes e ovelhas, cento e oitenta libras de espargos, ervilhas etc., e doces em proporção.

* * *

Os cangurús arboricolas passam a vida nas arvores e podem competir em agilidade com os macacos, pois sobem ao alto das arvores mais elevadas e saltam de galho em galho. São inoffensivos si não são acossados; ao contrario, porém, se têm registrado casos em que elles atacam o homem.

* * *

A India tem uma raça de bufalos leiteiros, com couro de carneiro e aquaticos. Esses animaes se assemelham ás melhores vaccas quanto á producção de leite. Cada um produz de trinta a sessenta litros diarios, e seu leite contém doze por cento de manteiga. São doceis e se deixam ordenhar com facilidade.

* * *

O novo hotel Waldorf-Astoria, de Nova York, terá installação telephonica igual á de uma cidade de 25.000 habitantes.

Os modernos systemas de ligações attenderão cerca de 10 a 12 milhões de chamados annualmente, sendo necessario o numero de 110 empregados para o completo funccionamento do systema.

* * *

As principaes divindades da Guinea são o mar e a serpente. Alli, os sacerdotes estimulam as offerendas á serpente mais do que as que fazem ao mar, porque, neste ultimo caso, "succederia que nada aproveitariam".

# Toda hora de doença é tempo perdido para o prazer da vida

Os "Incommodos de Senhoras," em sua vólta periodica, todos os mezes, representam para o sexo feminino

*A HORA CERTA DO SOFFRIMENTO.*

As Senhoras sabem de antemão que seus males têm data fixa para se manifestarem e podem fazer a conta previa das horas que perdem para o prazer da vida. É, pois, para uma Senhora, um acto de defeza a favor da alegria de viver guardar sempre presente na lembrança que

## A Saude da Mulher

—sendo o melhor remedio conhecido para os Incommodos de Senhoras, taes como Suspensões, Colicas Uterinas, Rheumatismos, Arthritismo, Flores-Brancas—assegura o prazer da vida, que só póde ser perfeito quando existe perfeita saude.

ANNO XXV

FON-FON

NUMERO 5

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 31 de Janeiro de 1931

# A MORTE DO CYSNE

Cada movimento do seu corpo delicioso era uma fonte de sensações, porque, como os da Gioconda de d'Annunzio, encarnação de Eleonora Duse, desmanchava uma harmonia para crear uma harmonia nova.

Assim foi em vida aquella maravilhosa dançarina que se chamou Anna Pavlova. Como a Camargo e a Guimard, que mereceu um livro de Edmond de Goncourt, ella foi, póde-se dizer, a Terpsichore do seu tempo. O dançarino Dupré, que foi celebre, dizia: "Não é bastante saber dançar só com as pernas; é necessario saber dançar com os braços." Anna Pavlova sabia dançar com todo o seu corpo, porque a cada uma de suas partes sabia dar o rythmo e a expressão precisos, de maneira que os seus maravilhosos passos e gestos ficavam guardados na nossa lembrança. Ainda a tenho nas pupillas, no palco do Municipal, no desmaio das luzes azúes, toda branca, toda plumas, no bailado da morte do cysne. O seu talento choreographico era todo especial, pertencia-lhe somente, era qualquer coisa de exclusivo, de muito seu e como que reproduzia verdadeiros estados de alma, tanto ella se identificava com a sua arte. Um sentimento profundo guiava-lhe os movimentos harmoniosos. E a sua dança, como diria Duplain, era quasi uma declamação. Graça ligeira, voluptuosidade subtil, espiritualidade, eloquencia nos gestos, amoraveis abandonos, tudo em Anna Pavlova contribuia para o seu retumbante successo. E raramente a dança terá interprete maior. Morreu o cysne ideal que eu vi dançar maravilhosamente.

JOÃO DO NORTE

Esta pagina focaliza, no alto, um detalhe do baile que o Club Nacional realizou, em seus salões do Edificio Odeon, em honra do general Italo Balbo e dos companheiros do ministro da Aeronautica da Italia no grande cruzeiro das azas italianas; em baixo, grupo das pessôas que tomaram parte no banquete offerecido pela colonia italiana, no Copacabana Palace Hotel, ao commandante e demais aviadores da esquadrilha aerea.

*LUSCO-FUSCO*

Teria, quando muito, dezeseis annos. Linda, encantadora, graciosa.

Menina — um anjo de innocencia; mulher — um peccado imminente.

Filha unica de um fazendeiro, em cuja fazenda fui regalar as minhas férias, na quietude bucolica das terras abençoadas do interior, onde o ar é puro e perfumado.

Berenice, nos poucos dias que lá passei, esquivava-se de mim, muito enleiada, muito ingenua. Talvez por isso mesmo, inspirou-me uma daquellas paixões loucas, que induzem ao desespero ou ao atrevimento.

Uma tarde, ao jantar, annunciei a minha partida para o dia immediato.

Após o café, fiquei a palestrar entre fumaradas de charuto, com o fazendeiro, no vestibulo.

Berenice retirou-se, silenciosa e grave como sempre.

Quando me dirigi ao caramanchão, como de habito, lá encontrei Berenice, como nota extraordinaria. Fiz menção de retroceder, mas a linda morena ergueu a cabeça.

Berenice chorava.

As lagrimas, naquelles olhos maravilhosos, pareciam diamantes em estojos de velludo.

Tomei-lhe uma das mãos e sentei-me ao seu lado.

Estremeceu.

— Por que chóra?

Fitou-me, sem responder. As Mulheres não falam, quando choram, porque as grandes dores são mudas...

E atrevi-me:

— Se eu tenho motivos para chorar... E olhe que não chóro...

— Por que?

— Por sua causa...

Foi um festa de requintada elegancia e da mais alta distincção a recepção que o casal Vittorio Cerruti offereceu, nos luxuosos salões da embaixada da Italia, á rua das Laranjeiras, em honra do general Italo Balbo e da officialidade da esquadrilha aerea italiana. Figuras destacadas em nosso mundo social e diplomatico, representantes das altas autoridades da Republica, militares, etc., deram realce a essa deslumbrante reunião, de que offerecemos dois expressivos flagrantes nesta pagina.

Nem sei como poude ser tão mázinha...

Berenice, subitamente, desprendeu-se dos meus braços.

— Que loucura!... — murmurou, enleiada.

Ergueu-se. Partiu a passos apressados.

Ali fiquei durante muito tempo. Sentia ainda na bocca uma frescura de rosas. .

Depois...

Nunca mais soube de Berenice.

De certo, ella não era como Marilia, que eternamente esperou o regresso do seu Dirceu...

Mattos Além

# Arvore do Bem e do Mal

Claudio França

## SAHARA

MEU coração é um deserto. Fulvo como um leão e vasto como o oceano. Dunas e mais dunas de areia sem um fiapo de herva sem uma palmeira, sem uma poça de agua alumiando ao sol.

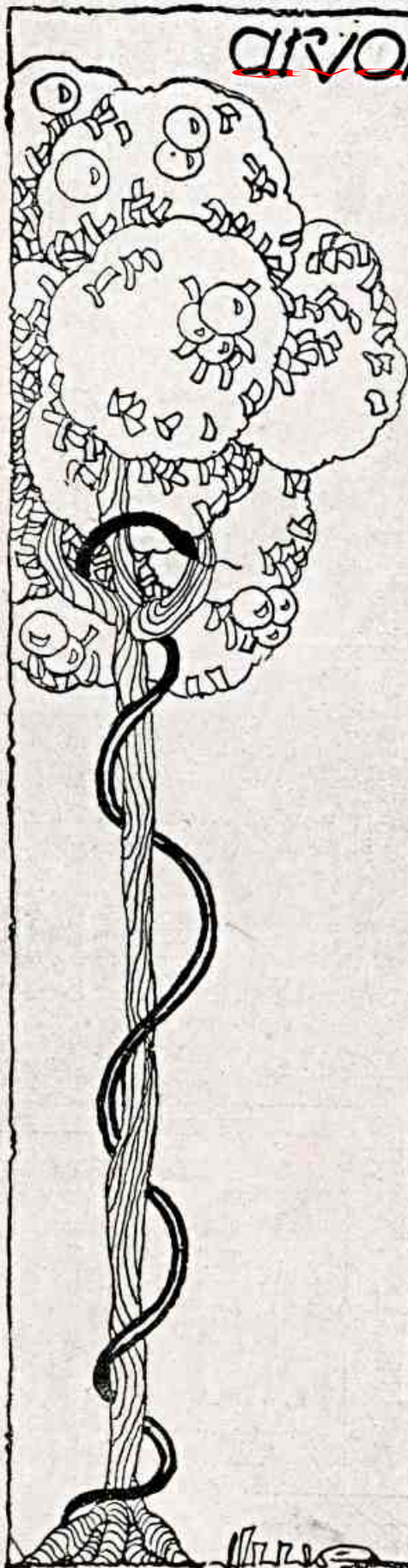
Outróra, nessa aridez tostada pela canicula, houve uma floresta maravilhosa: arvores e mais arvores entretecidas de lianas, insectos, passaros, bichos selvagens, trepadeiras floridas, arbustos perfumados e, no recesso das espessuras verdes, o canto suave das fontes escondidas.

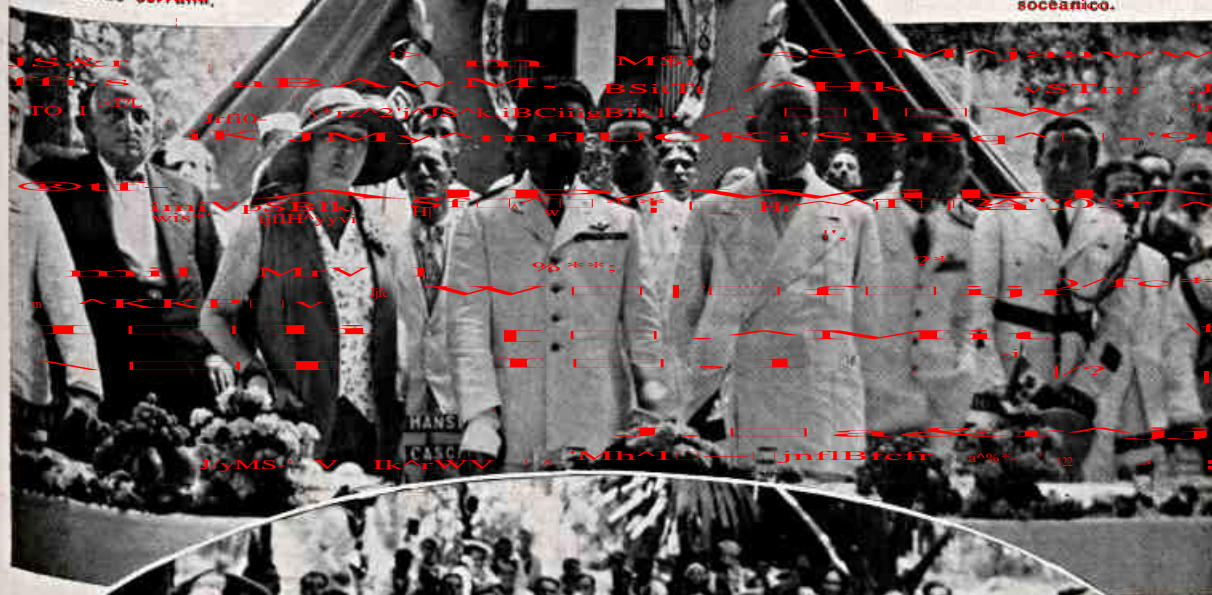
Pouco e pouco, a floresta se transformou por meus cuidados num jardim delicioso. Derrubadas as arvores, foiçada a vegetação rasteira, alongaram-se os macios tapetes dos gramados com os desenhos dos canteiros em flôr. As fontes cantaram em repuxo. As plantas raras trescalaram os seus odores exoticos nas noites de verão. E o rosto da lua se esqueceu, vaidoso, no espelho dos lagos artificiaes.

A mão cruel do destino arrancou as flores, as relvas, os roseiraes; entulhou os lagos e as fontes; devastou os massiços sombrios. E uma grande desolação reinou alli.

Com paciencia, com fé e com coragem, eu reconstitui o meu bello jardim. De novo, a mão impiedosa veiu e, irada, destruiu a minha obra. Desafiei-a e outra vez refiz o que ella devastára. Voltou mais furiosa ainda e tudo subverteu.

Agora, eu sei que não vale mais a pena esforçar-me para que retorne o esplendor antigo. O trabalhador cançado já não tem mais fé. A terra exhausta já não produzirá mais nada. E a esterilidade se alonga sob as flechas ardentes do sol.

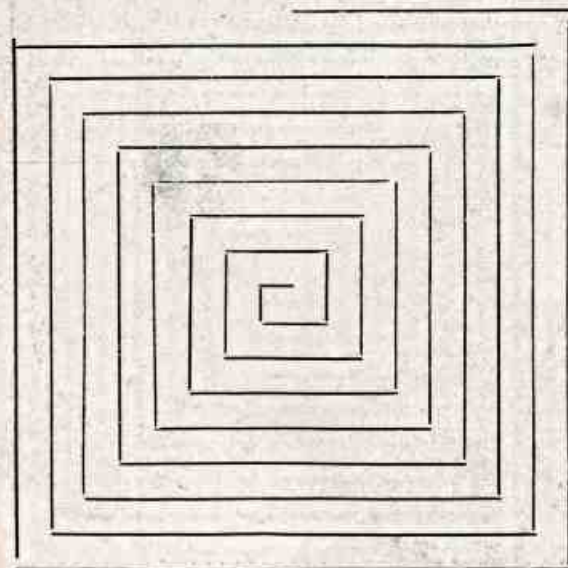
Meu coração é um deserto.

Ao alto, o general Giuseppe Valle e outros officiaes da esquadrilha aerea italiana após o almoço que lhes foi offerecido em Petropolis, por occasião de sua visita á linda cidade serrana.

Ao centro e em baixo, flagrantes colhidos na chacara Lage, na Gavea, durante o pic-nic que a colonia italiana ali offereceu aos seus compatriotas que acabam de realizar o grande cruzeiro transoceanico.

*(Inedito para o* **FON-FON***)*

*Vida, você é assim: estrada cheia*
*De altos e baixos, de rosaes e espinhos;*
*Não é bonita e nem de todo feia*
*E sol e sombra ha sempre em seus caminhos*

*Sem ser bôa, você — si está de veia,*
*Tem para nós sorrisos e carinhos...*
*Depois, sem um motivo, nos odeia,*
*E leva os seus sorrisos aos vizinhos.*

*Vida, você não é nenhuma ingrata,*
*(Como se diz) mas... logica, sensata,*
*Você não é tambem, nem póde ser...*

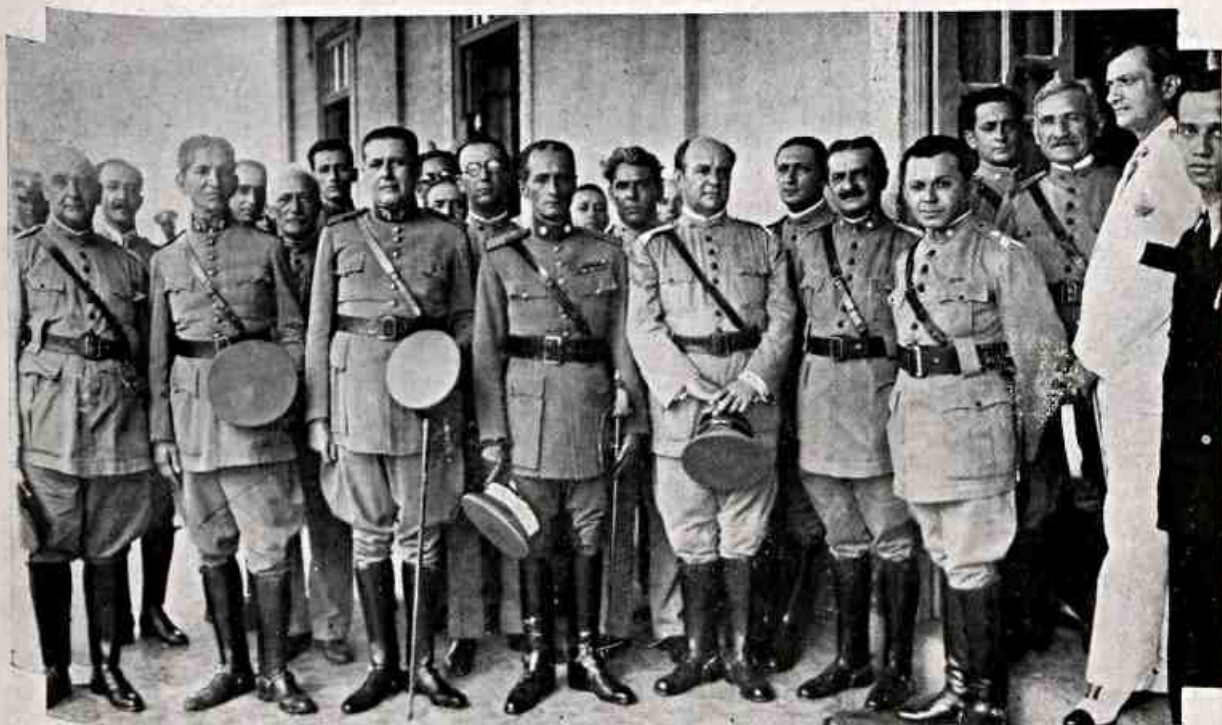
*Pois, sendo mestra do supremo ensino,*
*Ha de ser sempre a escrava do destino.*
*Vida, você é assim, porque é mulher!*

MARCELO ROBERTO

Afim de tomar as medidas iniciaes para o organização do primeiro Salão Feminino de Bellas Artes, que se realizará proximamente nesta capital, a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino promoveu, quinta-feira penultima, uma reunião de artistas, na qual se agitaram varias providencias nesse sentido. Essa reunião teve logar na séde social da Federação, onde tambem está funccionando a Exposição de Pintura da União Universitaria Feminina, que foi, então, visitada e devidamente apreciada pelas illustres damas presentes.

## FILIGRANAS

Ella vinha pela praia recurva com o seu passo de rainha. O vento brincava com o seu manto e expunha ao sol as suas formas maravilhosas, incomparaveis, vestidas num maillot americano. Um soldado de policia, mestiço desdentado, approximou-se daquella estatua animada e ordenou-lhe:

— Feche o roupão. São ordens...

Ella sorriu desdenhosa. Eu sorri com maior desprezo ainda. O areopago absolveu Phrynéa, admirado de suas formas. A nossa policia condemna-a...

O novo commandante da Escola Militar do Realengo, coronel José Pessôa, ao assumir o exercicio de seu cargo, na semana passada, cercado de illustres officiaes do Exercito e outras pessôas que assistiram áquella cerimonia.

## O LAGO DE SKADAR

CHORE commigo, meu amor. Chore o impossível que nos separa. Não canse de chorar. As lagrimas são um consolo para o soffrimento e para as angustias do coração. Eu gosto de chorar, como você, porque, chorando, acho menos amarga a minha dôr. Entretanto, nos meus pobres olhos, habituados ao desencanto da vida, a lagrima não tem a belleza que revela nos seus olhos côr de esmeraldas rútilas. Nos meus olhos de homem triste a lagrima não commove como nos seus olhos dolorosamente femininos — como nos seus olhos torturados pelo brilho manso da desillusão.

Você conhece a lenda do lago de Skadar? Que poema triste e lindo, ao mesmo tempo! Skadar é um lago de Escutari que tem inspirado as mais lindas estrophes dos poetas servios.

Antes de existir esse lago de historia romantica, havia, em seu logar — diz a lenda — um deserto da rochas brancas e estéreis atravessadas por um fio de aguas prateadas, sobre cujo espelho movel se mirava, constantemente, uma náiade de belleza deslumbrante. Muito tempo essa linda mulher ali viveu enchendo de fascinação a desolada monotonia do deserto. Mas, um dia — a lenda não precisa a hora sinistra da tragédia silenciosa — appareceu, á beira do manancial onde se mirava a náiade, um gênio maléfico, que lhe arrancou os olhos luminosamente verdes.

Annos depois, passando de novo pelo logar do seu crime hediondo, o gênio maléfico ficou assombrado de encontrar, em vez do deserto de pedras, um lago azul a cujas margens as flôres e as arvores sorriam numa primavera de perfumes... E, perto das aguas tranquillas, uma formosa mulher, sentada sobre uma pedra branca, chorava solitaria e melancolicamente...

Era a náiade a quem o gênio maléfico arrancára os olhos. Estes não viam mais a luz, mas scintillava nelles uma claridade celestial.

O gênio maléfico perguntou-lhe, então:

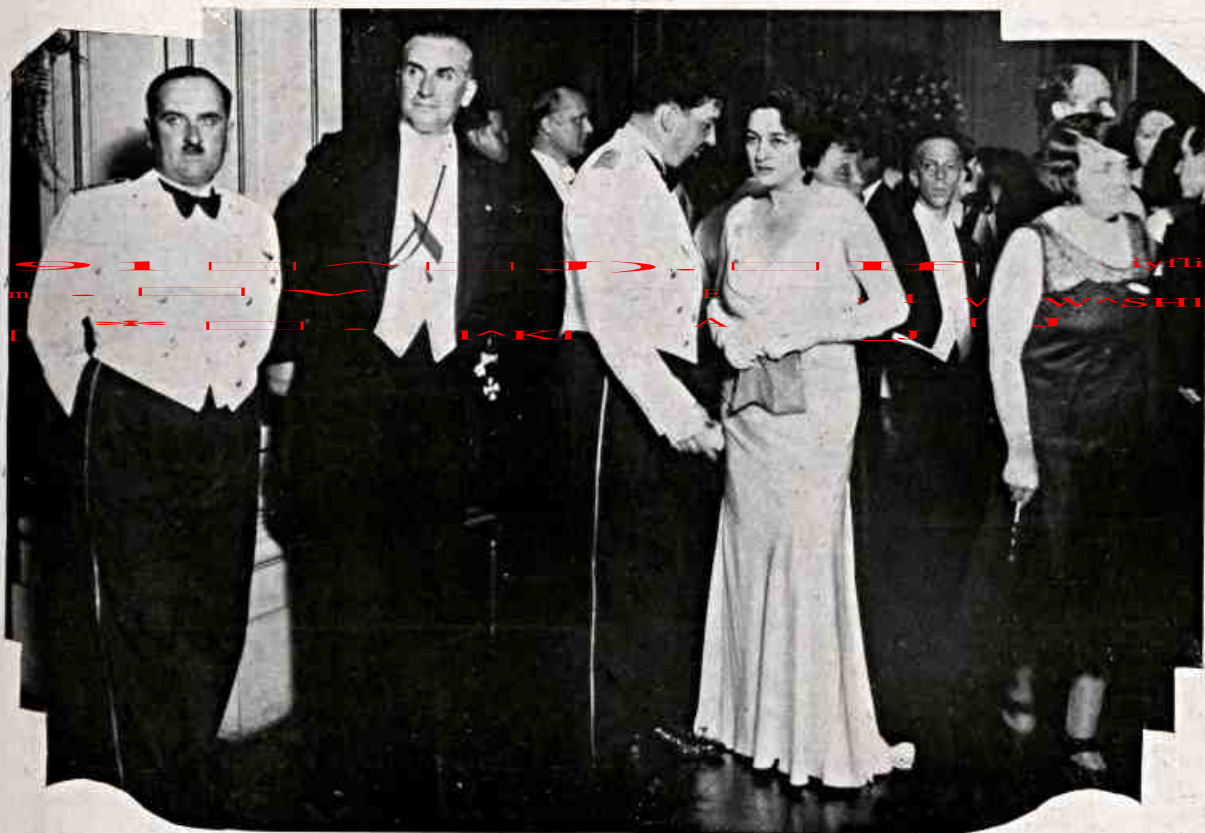
— Mulher, por que este velho e triste deserto de pedras se tr-insformou no lago florido e alegre que me deslumbra?...

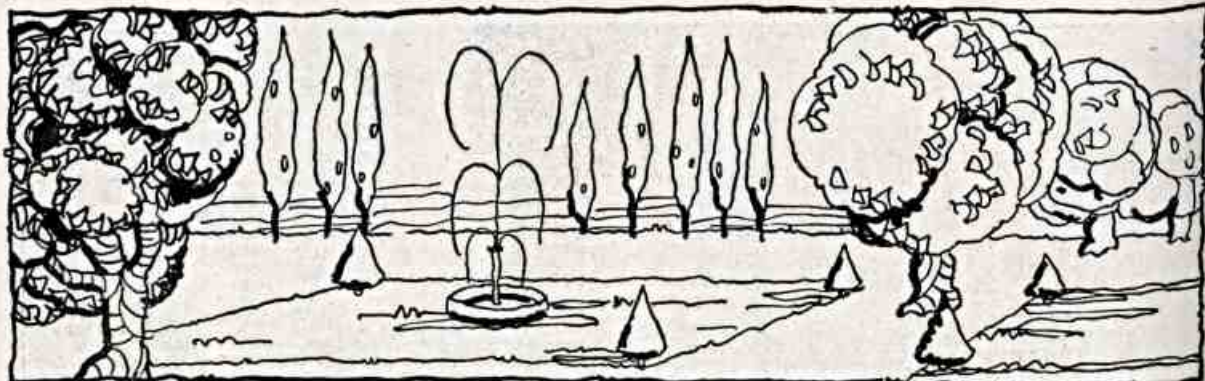
E a náiade cega e linda respondeu, resignadamente:

— Foi um milagre das minhas lagrimas...

*

Oomo esse lago, meu amor, que já foi deserto, a nossa vida solitaria e sem encanto ha de ter, um dia, também, a mágica transformação que as suas lagrimas de mulher bonita irão, pouco a pouco, distillando sobre a terra estéril das nossas illusões. Não é preciso que o gênio maléfico de Skadar venha arrancar os olhos verdes da nossa esperança insatisfeita.

Basta que você chore commigo e smta, commigo, o mesmo anseio e a mesma inquietação do impossível...

Retribuindo as homenagens de que foi alvo nesta capital, por parte do mundo official e da nossa alta sociedade, o general Italo Balbo, illustre ministro da Aeronautica da Italia e commandante da esquadrilha aerea que acaba de realizar o grande cruzeiro do Atlantico, offereceu, na noite de quinta-feira penultima, no Copacabana Palace Hotel, uma brilhante recepção, seguida de baile, á «élite» carioca e ás autoridades da Republica.

Um aspecto do salão do Copacabana Palace Hotel durante o baile do general Italo Balbo.

# JARDIM ABERTO, D. Jayme

## CONTEMPLAÇÃO

*SUBTIL, silenciosa melancolia filtra o luar sobre o oceano tranquillo, cujo aroma, coado pela noite, sobe e se espalha no ar. Mal se movem as fôlhas das arvores á caricia leve da brisa.*

*E eu contemplo o teu vulto branco esquecido na janella illuminada.*

* * *

*O sol desabrochou como uma corolla de fogo, incendiando o mar. Ao seu calor ardente, os aromas nocturnos evolaram-se. No ar tremulo, vibra o canto das cigarras anacreonticas. Luz, ouro, vida, alegria nos arvoredos, nos rosaes, na fachada das casas.*

*E eu contemplo o teu vulto branco que perpassa entre os canteiros floridos do jardim.*

* * *

*O sol morreu. Um luto violeta faz desmaiar a paizagem melancolica. Tangem sinos ao longe o adeus do dia. Já nos valles, ao pé da montanha, a noite chega. O sussurro do mar como que diz um segredo triste. No céu alto, brilha a primeira estrella.*

*E eu contemplo o teu vulto branco perdido em scismas profundas.*

*Pensarás acaso em mim?*

O nosso joven patricio, dr. Ralph Monteiro, é, sem favor, um dos expoentes mais representativos da nova turma de medicos que vêm de collar grão na Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro. Depois de um curso brilhantissimo, em que deu, com as melhores e mais efficientes demonstrações da sua dedicação á nobre profissão que abraçou, affirmações magnificas da sua intelligencia e cultura, Ralph Monteiro defendeu sua these, tratando de assumpto pela primeira vez focalizado nos circulos da medicina nacional. «Do valor semiologico da histamina em gastropathologia» — é o titulo desse notavel trabalho do joven clinico, que recebeu approvação distincta.

O dr. Diogenes Certain acaba de se diplomar em medicina, após brilhante curso na Faculdade desta capital. Pertencendo a uma illustre e tradicional familia de Bragança, o novo medico desfructa de largo conceito em sua classe e na sociedade carioca. Dotado, apesar de muito moço ainda, de apreciavel cultura scientifica e de ampla visão clinica, o dr. Diogenes Certain inicia-se agora, na sua carreira, com seguro êxito, dadas as suas qualidades moraes e intellectuaes, que, certamente, concorrerão para firmál-o, em definitivo, como uma das mais vivas esperanças do nosso mundo medico.

O dr. Theodoro Bruno Schmedding é medico recem-formado pela Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro. Pertence á turma de 1930. Sua these de doutoramento é um trabalho valioso, intitulado «Contribuição á anesthesia local pela Percaina, derivado da série das Quinoleinas» (cadeira de clinica cirurgica), e elle a defendeu brilhantemente, a 17 de dezembro ultimo, perante a congregação da Faculdade, que a approvou com distincção.

Em nome da Marinha de Guerra Brasileira, o ministro Conrado Heck offereceu, nos salões do Club Naval, quinta-feira penultima á tarde, um chá dançante aos srs. general Italo Balbo, almirante Humberto Bucci, generaes Valle e Pellegrini, commandantes e officiaes da divisão de exploradores e da esquadrilha de hydro-aviões da Aeronautica e Marinha de Guerra italiana. Foi uma reunião de alta elegancia e distincção, a que o nosso «grand-monde» compareceu pelos seus elementos mais representativos.

## RECITAL ADA MACAGGI

Ada Macaggi, brilhante poetisa do Paraná, festejada em sua terra e no Rio, onde se encontra desde alguns mezes, vae dar um recital de poesias e canções ao violão, em Petropolis, no proximo dia 2 de fevereiro.

Essa festa de arte, que a sociedade petropolitana aguarda com justificado interesse, dadas as credenciaes com que se apresenta a recitalista e as sympathias de que desfructa o seu nome em nossos circulos intellectuaes, constituirá, sem duvida, por isso mesmo, um acontecimento de marcado esplendor literario e mundano, além do seu aspecto philanthropico, porque será em beneficio da matriz da linda cidade de verão.

O general Italo Balbo e seus companheiros do vôo Italia-Rio de Janeiro embarcaram para São Paulo, sabbado á noite, em trem especial que deixou a estação D. Pedro II ás dez horas da noite. A colonia italiana daquelle grande Estado recebeu os seus gloriosos compatriotas com as maiores demonstrações de regosijo e continúa a homenageal-os condignamente, offerecendo-lhes festas e passeios bem significativos.

# Uma grande artista

*Por Chermont de Britto*

LEONARDO DA VINCI aconselhava que se pintassem as mulheres com toda a distincção e modestia. Sarah Villela de Figueiredo, a grande pintora carioca, que é tambem um dos nomes mais illustres da alta sociedade carioca, trabalhando nos seus retratos, parece não esquecer nunca as palavras sensatas do famoso mestre da Renascença italiana.

Ao contrario dos artistas do seculo XVIII, que faziam suas figuras apparecer nas telas em attitudes de ostentação e voluptuosidade, as mulheres que Sarah retrata conservam-se sempre serenas e simples. Dir-se-ia que a pintora tem plena confiança na belleza dos seus modelos, e uma intima consciência da sua arte, de modo a tirar dessas «poses» naturaes todos os effeitos e todas as seducções.

A's vezes, num ou noutro retrato, como por capricho, a artista destaca as mãos dessas mulheres. E a mestria e a emoção com que pinta as bellas mãos nos lembram a graça dum Corot, no seu celebre quadro de «La femme á la perle».

Não sei de arte mais difficil que a do retrato. Si o pintor se limita a copiar fielmente o modelo, tal como o vê, tal como apparece aos que o conhecem, pode cahir na banalidade da obra photographica. Si se tortura muito em penetrar na alma de quem pinta, para surprehender-lhe todas as emoções intimas, então expõe-se a realizar alguma coisa de geral e de pathetico, inteiramente fóra da realidade.

E' conhecido o estranho caso dos retratos de Alphonse Daudet feitos por Eugène Carrière. Antes que o pintor acabasse o primeiro delles, a sua belleza serena e tragica alarmava a familia do romancista, que não quiz reconhecer, nessa mascara atormentada e dolorosa, a magna expressão e a verdadeira effigie do modelo que posára. E é esse, de certo, o mais impressionante e bello. Sente-se que, nelle, Daudet está nos seus momentos de vida intima, só com a dor, que ha muito se lhe tornou inseparavel companheira. Elle soffre, profundamente, e em silencio. No segundo retrato, não é mais o artista no recolhimento profundo da sua amarga tristeza. Não. Observam-no, espiam-no curiosamente, e elle defende-se, perturbado, dos olhares indiscretos dos que o fitam. Sente-se que elle não mais está só e a presença de outras pessoas desperta-o desse longo scismar em que tanto se comprazia a sua alma sonhadora e poetica.

A distincta pintora Sarah Villela de Figueiredo.

Sarah de Figueiredo não se descuida da semelhança do modelo. A parecença entre as duas figuras, a da tela e a da vida, é absoluta. Não desdenha tampouco de fixar-lhe o momento psychologico. Porém o que mais a preoccupa, o que a seduz e a enthusiasma verdadeiramente, é exprimir, com todo o poder magico dos seus pinceis, o triumpho da vida. Assim, todas as figuras que passam pelas suas telas são admiraveis de saude, incomparaveis de prazer e orgulho. Chartran, o grande pintor francez e um dos maiores retratistas do seu tempo, quando pintava, tinha sempre deliciando os ouvidos dos seus modelos uma orchestra afinadissima. E' que queria que seus modelos tivessem no rosto uma expressão de felicidade. Dizem que não foi outro o processo adoptado pelo extraordinario pintor da Monna Lisa Gioconda, para obter da adoravel mulher aquelle divino sorriso que todos os poetas têm cantado com emoção. Percorrendo a galeria de figuras pintadas por Sarah de Figueiredo, tenho a impressão de que embalam a alma dos seus modelos, durante as horas de trabalho da artista, as mais bellas e suaves symphonias, tamanha é a alegria que elles revelam.

O interesse desses retratos não está só na belleza da figura observada, na perfeição da technica da pintora, mas tambem na riqueza de colorido com que a artista veste seus modelos. E' uma sumptuosidade de côres estranha e magnifica, como só se encontra igual nos velhos mestres hespanhóes. A côr da pintura de Sarah é verdadeiramente radiosa. Ella sabe dar um brilho intenso a todos os tons e matizes, cujo segredo só ella possue. O verde, sobretudo, lhe é inimitavel. Seu quadro «O chale verde» é um prodigio de côr e de desenho. A figura, de uma esplendida mulher, é duma graça indefinivel. Não se sabe bem si elle cobre ou descobre, num gesto de voluptuosidade, o seu lindo corpo palpitante. Assim como a artista a pintou, essa mulher está mais que nua. Desnuda, ella seria casta e pura; assim, com esse pannal, a encobrir-lhe a carnação esplendida, ella é luxuriosa e sensual.

Sarah de Figueiredo cria uma correspondencia mysteriosa entre o sentimento que anima essas mulheres, e as roupas que as envolvem. Ella sabe tirar de cada dobra, de cada ornato dos vestidos, um effeito maior e mais surprehendente.

Pena é que a indumentaria moderna seja tão pobre para uma artista tão rica de talento e colorido. Eu imagino, ás vezes, a Sarah de Figueiredo, a viver em pleno reinado de Philippe IV, nessa Hespanha de mysterio, de galanteria e de amor, de grandiosidade e heroismo, a pintar toda essa roupagem admiravel e faustosa, que a nobreza da época ostentava com tanto garbo e elegancia.

E estou certo de que, como Velasquez ou Pantoja de la Cruz, ella nos daria telas maravilhosas, em que a gente não saberia o que mais admirar: si a riqueza dos brocardos ou a belleza das figuras immortalizadas.

# A sylphide slava

Anna Pavlowa, aquella que parecia ter azas nos pés, como Mercúrio, adormeceu para sempre. Adormeceu não como tantas vezes adormecêra, á luz das gambiarras, quando, nos rythmos da sua arte de colleios e gestos musicaes, fechava os olhos para fingir a «Morte do cysne», de Saint Saens. Anna Pavlowa não mais acordará, a não ser na recordação daquelles que a applaudiram nas grandes noites de esplendor e de gloria. Pavlowa! Que suggestões não nos traz á memória o nome da notável bailarina! Dizêl-o e vêr a artista russa, no esvoaçar dos seus bailados, ora revivendo motivos de puro espirito clássico, como uma grega perfeita; ora vivendo themas de encantador romantismo, que a sua arte magistral tornava admiraveis de graça e de belleza. Pavlowa apparece nesta pagina em duas «poses». A primeira é um flagrante da «Morte do Cysne», em que a bailarina russa era inimitável; a segunda, no medalhão, é uma expressão da mascara de Anna Pavlowa, em outro dos seus bailados.

# ESPUMAS

(A HERMES - FONTES)

— Eu sempre penso no prazer e no sacrificio com que os homens vão cumprindo o seu destino. E separo mesmo as creaturas em duas grandes raças, que podem ter as suas variantes, mas que são duas em verdade, devido aos seus caracteristicos maximos: são os voluptuosos e os heróes.

Eu dizia estas palavras quasi sem parar. Deante de mim estava sentado meu velho mestre. A principio, ouviu-me com ares de indifferença, que foi pouco e pouco desapparecendo, para dar logar a um quer que fosse de sarcasmo condescendente. Mas eu olhei com devoção a sua cabeça branca. Estava alli o homem que me tinha ensinado uma multidão de coisas altas e bonitas. Que tinha feito de mim, a um tempo, uma scéptica tremenda e uma artista enternecida. Continuei, pois, a falar com desembaraço e convicção:

— Uns levam a vida a beber na taça ampla em que espumam todas as alegrias, santas ou perversas. Outros cultuam a dôr, mas esse culto lhes dá prazer. Ainda outros renunciam ao mundo, mas essa renuncia lhes dá felicidade. São os voluptuosos.

Ha, no emtanto, outra casta de viventes humanos. Os fados tramaram contra elles, porque seus dias têm que ser a antithese dos seus sonhos. Então, elles cantam ou berram a maldição grande que não mais lhes cabe na arca do peito, mas vão para deante a cumprir a realidade atrevida do seu destino. Outros vivem acorrentados ao dever, olhos serenos e mãos abençoadas; lá dentro, porém, na verdade sem mascara do seu coração, uma rebeldia dementada ruge sem que os seus uivos de fogo cheguem á bocca resignada do homem. Outros ainda encaram a contrariedade enorme sem sentir em si a chamma ruim da revolta: na alma a serenidade espelhante do rosto, um consôlo tranquillo florindo no coração. Mas ainda outros vão além: ante a vida ou as phases da vida que não quereriam ter, um perdão suave esvoaça como um passaro bom nas romarias dolorosas e apedrejadas das suas almas. São os heróes.

Voluptuosos e heróes...

Eu parei ahi, perturbada com a ironia desconcertante e, direi mesmo, um tanto mysteriosa que sorria nos labios envelhecidos do professor.

Perguntou-me, então:

— E onde, menina, você colloca os suicidas?

Confesso que a arguição inesperada me deixou confusa. Mas respondi logo, vencendo o embaraço, e misturei, na minha resposta, astucia e doçura:

— Isso eu não sei... O que eu sei é que perdôo sempre aos suicidas...

Então, elle ergueu a sua alta figura e já a ironia voára dos seus labios e já a commoção se aninhava nos seus olhos pequenos. Poz-se a passear, de mãos nos bolsos, e assim percorreu varias vezes o salão das télas celebres.

Eu aproveitei o silencio e comecei a olhar a galeria valiosa do meu velho mestre. Já me esquecêra do que lhe havia respondido, quando, de repente, elle parou deante de mim e disse-me, com a profundidade de uma idéa teimosa:

— Então você perdôa sempre aos suicidas, minha filha?

.. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. ..

Decididamente eu lhe déra assumpto para uma nova these...

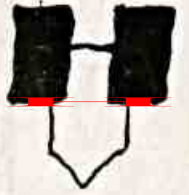
MAURA DE SENNA PEREIRA

*DIAS depois da morte de Hermes-Fontes, chegava até nós, dirigida ao glorioso illuminado, uma carta de Maura de Senna Pereira. Uma palavra de carinho e admiração, e a pagina, "Espumas", offerecidas ao artista que abandonára o mundo, num protesto silencioso e tragico.*

*Maura de Senna Pereira está no Rio, e, ha um mez, foi empossada, em noite inesquecivel, na cadeira do marechal Trompowski, na Academia Catharinense de Letras. Cigarra e abelha, no seu canto ha uma doçura de favo e no seu abençoado labor a alegria de apostolizar e amar. Dança, nas originalidades do seu estylo pessoal de prosadora, a luz macia e envolvente de Florianopolis, sua ilha natal, cuja paizagem enfeitiça os mais frios e convence os mais incredulos da obra divina. Dá gosto beijar a mão de Maura, e dizer-lhe:*

*— A' vontade, Bemvinda!, que o talento e a belleza moral constituem uma graça das mais santificantes...*

Domingo ultimo, sob o esplendor de um céo radioso, dentro da moldura grandiosa da nossa natureza admiravel, o povo do Rio de Janeiro deu mais uma demonstração publica da sua fé religiosa, levando em procissão pelas nossas ruas a imagem de São Sebastião, padroeiro da cidade. Da imponencia do acontecimento, ao qual estiveram presentes todas as ordens e confrarias religiosas do Rio de Janeiro, dá idéa clara a reportagem photographica desta pagina.

# Um homem estranho

Um ajuntamento banal de rua. Eu ia passando, como todo mundo, e, como todo mundo, parei ali, naquella esquina sinistra, que tem assistido á morte de tanta gente. Eu ia passando e estaquei, como os outros. O instincto humano da curiosidade. Isso, e talvez um pouco de piedade pela desgraça alheia.

Vinte ou trinta pessôas cercavam, impressionadas, o corpo inerte de um homem que, minutos antes, fôra morto por um auto-omnibus. Mas, o vehiculo apanhára o infeliz porque este se atirára sob as suas rodas pesadas. Dir-se-ia que já o esperava na esquina para o gesto de desespero e loucura. Fôra, apenas, um suicidio.

Os commentarios de todos os ajuntamentos entrecruzavam-se no trivial tumulto das conjecturas. Por que se teria suicidado aquelle homem ainda moço, que parecia tão cheio de saúde e tão cheio de ventura, a julgar pelo aspecto de seu physico e de seu traje elegante?

— Coitado! — dizia um. — Quem sabe a tragedia dolorosa que talvez lhe amargurasse a vida! Algum amor, alguma desillusão, algum mysterio...

— E' verdade — ajuntava um outro. — Ha tanto mysterio neste mundo! Mas, quem sabe, tambem, si esse terno cinzento, e essa camisa de sêda, e esses sapatos caros não disfarçavam a miseria de alguma existencia cheia de difficuldades e de torturas?

E um terceiro, philosopho e séptico anonymo das multidões, vaticinou, sentenciosamente:

— Esse infeliz matou-se porque alguma saia se metteu na sua vida...

Foi o unico que acertou. A policia tomou conta do cadaver do suicida e, num dos bolsos internos do seu jaquetão côr de cinza, arrecadou, com uma carta explicativa e longa, a chave do enigma.

A carta, dirigida *aos homens intelligentes*, dizia, textualmente:

"Escolhi uma quarta-feira, 17 de setembro, para morrer, porque sempre tive horror ás quartas-feiras, aos dias 17 e aos mezes de setembro. Ao contrario de muita gente, ou de quasi toda gente, que, superstitiosamente, foge da deliciosa sexta-feira, do amavel 13 e desse venturoso mez que é agosto.

"Tambem devo declarar que procurei um omnibus, em vez de um automovel de luxo, neste meu ultimo acto de bravura, porque estava mesmo disposto a morrer, e os automoveis me não mereciam confiança. A's vezes, machucam, quebram os ossos, mas não matam...

"Dito isso, vou dar, a seguir, as razões determinantes da minha decisão irrevogavel.

"Eu fui, sempre, um homem pouco comprehendido pelos meus contemporaneos. Nasci longe da terra onde morro. Profundamente, porém, identificado com o meio em que vivia, soube dissimular as qualidades que constituiam defeitos e os defeitos que eram qualidades para os outros. Questão de pura habilidade. Nada mais. Entretanto, não deixei, nunca, de ser bom. Bom demais para aquelles que interpretavam tão mal as minhas attitudes de desprendimento e os gestos compassivos do meu coração insatisfeito e amoroso. E tudo o que eu fazia, com a melhor das intenções, era, não sei por que, motivo para censuras violentas á minha personalidade timida e modesta.

"Soffri, por isso, as maiores injustiças humanas. Si dava uma esmola, era porque queria demonstrar uma pretensa caridade. Si a negava, não tinha coração, e era um monstro sem o menor sentimento de piedade. Nem o bem nem o mal eu podia praticar. Felizmente, minha consciencia impellia-me sempre para o primeiro. E eu, para exercêl-o, e ficar em paz com minha consciencia, fechava os ouvidos á voz insidiosa do mundo. Ouvia, sem dar attenção, as criticas que me atiravam de todos os lados. Ouvia e passava...

"Tinha muitos amigos e poucos inimigos. Estranho, isso! Pois os muitos amigos se reduziam a tres ou quatro sinceros e os poucos inimigos a nenhum, porque sabiam guardar a nobreza dos bons inimigos.

"Mas, não pensem vocês, homens intelligentes, não pensem que eu ignorava as tramas armadas contra mim e contra meu nome pelos que se diziam meus amigos. Eu de tudo sabia. Apenas, para melhor viver, fingia desconhecer essas deslealdades tão communs entre os animaes que podem pensar e soffrer. Acceitava os elogios com apparente e até commovida gratidão. Fingia indignar-me deante dos ataques. Mas, na realidade, estes é que eu recebia com mais agrado. Porque, ao menos, estava certo de que eram sinceros...

"Nunca tive illusões a respeito dos homens que me cercavam. Nunca! Conhecia-os a fundo e sabia separar o joio do trigo. Entre dez mil que me abraçavam, nove mil novecentos e noventa desejavam ver-me desgraçado para sempre. E eu correspondia com o mesmo fingimento ao abraço de judas desses nove mil novecentos e noventa.

"Elles ficavam satisfeitos de ver-me illudido e passivamente dominado pela sua hypocrisia. Riam, talvez, de mim, sem suspeitar que eu tambem ria delles. Pagava-lhes assim. Apenas não lhes desejava o mal que elles me desejavam. Para que? Isso não me traria proveito algum...

"Fui perseguido, calumniado, enganado. Minha sensibilidade amargou o supplicio das ingratidões. E eu, que não conhecia a vingança, perdoava.

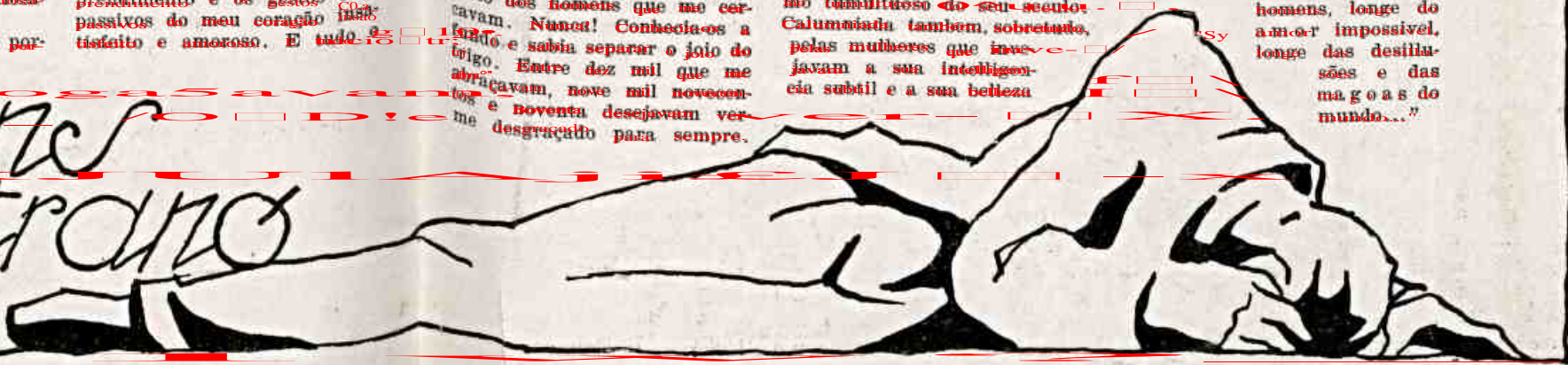
"Vendo e sentindo as maldades dos homens, tornei-me um séptico melancólico. Emotivo e descrente, atravessei, então, descladamente, a vida. Envelheci cêdo. As desillusões e os soffrimentos, as decepções e as injustiças vestiram-me a alma de cabellos brancos. Moço na apparencia, e com todas as ingenuidades do meu doce temperamento de criança, eu era, intimamente, um velho, em cujo coração as esperanças e as alegrias haviam morrido.

"Ainda assim, moralmente alquebrado, encontrei o amor que, havia trinta annos, procurava inutilmente pelas escarpas ingremes da desventura. Mas, encontrei-o para soffrer ainda mais.

"A mulher que me offereceu o seu coração conhecia, como eu, toda a escala angustiante do sofrimento. Era, tambem, uma incomprehendida. Como eu, era uma sentimental, uma romantica perdida no epicurismo tumultuoso do seu seculo. Calumniada tambem, sobretudo, pelas mulheres que invejavam a sua intelligencia subtil e a sua belleza fascinante. Tinha um destino identico ao meu e maiores propensões para o infortunio, porque era bonita e era mulher.

"Offereceu-me o seu coração. E eu, que não podia acceitál-o, tambem não tive coragem de recusál-o. Veiu logo o amor, que nos espreitava de longe. Um amor sereno e grande como tudo o que brota da semente da dôr. Mas um amor que era como a fugitiva miragem do nosso deserto. Vivemos nessa illusão durante muito tempo. Soffrendo menos agora, porque carregavamos juntos a mesma cruz e, juntos, demandavamos o mesmo calvario.

"Mas o irremediavel, que já me havia algemado aos preconceitos do mundo, acabou tambem por prendêl-a nas suas garras de tyranno invisivel, socio e amigo do destino. Perdia-a. Afinal, foi para os braços de outro. Fiquei com o perfume luminoso do seu espirito, com a doçura envolvente do seu coração, com o esplendor inquieto da sua alma. Compensações mutiladas e longinquas, que não me satisfaziam. O amor espiritual é muito bom, quando a esperança conserva accesa a chamma do desejo. Mas, quando a chamma se apaga, tambem se apaga o amor. O consolo de esperar só é consolo emquanto não chega o sacrificio do desengano. Agora, tudo findou. Até mesmo a volupia do soffrimento. E, como já não posso nem amar nem soffrer, resolvi matar-me. Porque me senti deslocado da realidade humana. Morrer é ainda a mais suave maneira de viver... longe dos homens, longe do amor impossivel, longe das desillusões e das magoas do mundo..."

Martins Capistrano

# DENTRO DA ARTE BRASILEIRA

## LEVINO FÁNZERES

### POESIA

LEVINO FÁNZERES continúa a sua série admiravel de paizagens brasileiras. Na actual exposição installado no salão do Club Nacional, exhibe o artista sessenta e cinco trabalhos feitos com amôr e sinceridade. Fánzeres, dessa questão de estylos, modos ou processos, desinteressa-se absolutamente. Para elle a Arte é a belleza sentida e exteriorizada espontaneamente de uma fórma simples e sincera.

Não procura fazer uma Arte brasileira, pondo em evidencia maneiras de primitivismo indigena ou "compondo" paizagens de tropicalismo forçado, em que palmeiras, ananazes e bananeiras se entremistuem nas exuberancias creôlas. As telas do pintor vão, entretanto, gravar-se suavemente, sob a caricia miraculosa dos pinceis, das expressões mais puras e mais lindas desse mundo impressionante e rico dos mais esplendidos thesouros que é a nossa terra.

Ora o bucolismo de uma tarde languida e os olhos parados das lagôas tristes, ora a tristeza de um dia sombrio, de um rancho, de uma tapéra muda, de casebres esquecidos num recanto que o tempo engrinaldou na homenagem dolorida de um romance.

Sempre a alma contemplativa do estheta a espreitar as selvas altas ou os campos desdobrados em [illegible]es.

Sempre [illegible] o aprimoramento da graça nos côrtes largos de seus paineis, no anseio das arvores esguias de braços implorantes para o céo, na meditação conventual dos salgueiros desgrenhados á borda das aguas verdes perscrutando-lhes as dôres e os mysterios.

Lindos os poemas cantados na lyra das côres; melodicas as endeixas brasilicas, brindes polychromados e olorosos offertados ás deusas pagans da nossa pomposa paizagem festiva.

Fánzeres é o enamorado cantor dos angelus, o furtivo caçador desses tons encantados que vôam ao crepusculo no tanger dos sinos humildes, quando azas ignotas e céleres riscam os céos

O illustre pintor Levino Fánzeres.

tristurosos e os rimances poeticos aos pharóes de Olinda, aos coqueiraes presagos do nordeste; bellos os poemas lyricos, as arvores floridas na gala pomposa das côres cascateantes.

*Flamboyants*, acacias, ipês; — florilegios surprehendentes, erguidos em holocausto aos sylvanos e naiades dos bosques tintos de saudade com enigmas symbolicos, de mysticismo, de amargura, de nostalgia inenarravel!

A hora dos segredos; instantes de penumbra; momentos de oppressão e ansias de carinhos!

Vem-nos de tão longe com o ruido das rãs nos charcos, dos grillos nos grotões, das cigarras nos troncos, aquella eterna e insubstituivel saudade, as rememorações de instantes gloriosos de socêgo e ventura que não sabiamos sentir quando ambicionavamos a Felicidade mentirosa, illusoria, que nunca se lembrou de nós!...

Quando o olhar descortina, por entre os cipoaes, os planos que se succedem no allontanado brumoso das tardes flavas e doiradas, chega-nos numa consoladora illusão aos ouvidos a impressão acarinhante de uma cantiga.

O canto desce como a cerração das montanhas, como que ondula de léve, colleante, até que, callando, bóle subtilmente a lembrança dos cantares da meninice.

Ultimos reflexos! Rua antiga, barrancosa, lá em baixo a porteira do sitio. Um recanto poetico; ali mais á direita aguas dormentes dos arredores de Olinda.... Parecem versos de saudade escriptos num dia sombrio de partida! Os ermos ciciam amôres de sylphos.... A brisa traz as baladas prohibidas dos amantes infelizes! Parece que a lua, grande, branca, amiga de nós todos, vae nascer ali daquelles coagulos vermelhos onde o sol morreu! As arvores negras farfalham ao vento ululante as cabelleiras folheadas, inquietas. As estrellas espiam tremulas, desejosas de luar, medrosas do céo tão negro e tão vasto. Não vejo mais os quadros. Sinto a musica de sua Arte, a inspiração tranquilla da Belleza...

HERNANI DE IRAJÁ

Reis Perdigão está entre nós, onde veiu tratar de interesses referentes á administração maranhense. Jornalista, escriptor, poeta e, sobretudo, revolucionario de fibra, Reis Perdigão é uma empolgante figura do movimento que deu por terra com o regimen passado. No seu livro «A Fornalha de Nabuchodonosor», elle deixa patente o que foram os sacrificios da lucta iniciada em 1922, pela reconstrucção do Brasil. Secretario do general Isidoro Dias Lopes, e actualmente secretario geral do Maranhão, de onde, depois de presidir á Junta governativa, foi interventor federal, acclamado pelo povo, o nosso antigo collega de imprensa era, pelos seus meritos, pela sua coragem e pela sua mocidade destemida, o homem indicado para o cargo que brilhantemente desempenha neste aureo momento da Republica Nova.

## Aquelle pobre menino... Ai, delle!

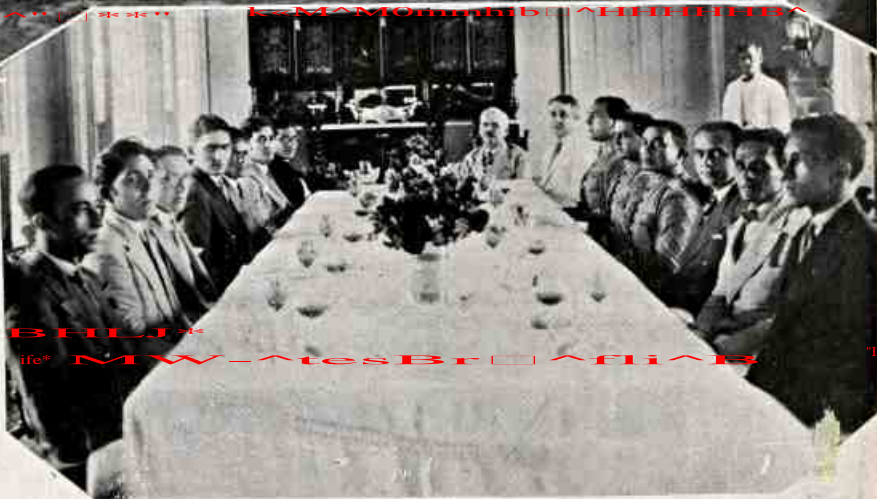
Felicidade, quando tu me viste,
eu era uma criança. Eu era, então,
aquella meiga criança, ingênua e triste,
que enganaste com bolhas de sabão.

Tudo quanto era meu, quanto pediste,
eu te dei; eu te dei meu coração,
o lirio cujas petalas abriste
e as machucaste com a tua mão.

Que eras tambem criança, é o que é verdade.
Reflectias meu sonho de viver
na gloria de ter tido o quanto quiz.

Hoje, que é que vens ver, felicidade?
Felicidade, podes me trazer
é essa lembrança de que eu fui feliz!

Esdras-Farias

A posse do revmo. padre Astolpho Serra no cargo de interventor do Maranhão realizou-se com a presença de representantes de todas as classes, como documenta a photographia de cima, onde apparecem, sentados, ladeando o novo chefe do governo maranhense, o dr. Reis Perdigão, secretario geral do Estado, actualmente no Rio, e o dr. Tarquinio Lopes, que chefiou o Corpo de Saúde da Brigada do Norte. A photographia de baixo fixa um flagrante do almoço offerecido, em S. Luiz, ao padre Astolpho Serra, pelo grupo de revolucionarios que fez o levante de 8 de outubro naquella capital. A' esquerda do homenageado, vê-se o ex-interventor, dr. Reis Perdigão.

# Brasil Novo - tudo novo

## Por Bastos Portela

DURANTE o regimen passado houve, na policia, uma crise de homens dignos e capazes. A maioria dos cargos de responsabilidade estava entregue a cavalheiros que, se não eram de exeassa competencia, exorbitavam das suas attribuições funccionaes.

Com a Revolução creou-se, porém, outra mentalidade que convinha á policia de uma cidade como a nossa.

Uma das escolhas felizes foi a que collocou á sua frente a honra e o valor de Baptista Luzardo, que, por sua vez, se cercou de auxiliares distinctos.

Sem esquecer os nomes dos drs. José Auto de Abreu, seu secretario; Manoel Gonçalves, official de gabinete, e os seus principaes delegados, é justo destacar o illustre dr. Salgado Filho, 4.º delegado auxiliar, e o dr. Virgilio Barbosa Lima, em bôa hora nomeado para superintender o serviço da segunda delegacia da Policia Central.

Jurista de nomeada, advogado de recursos brilhantes, escriptor, homem de sociedade, espirito servido por uma solida cultura, o dr. Salgado Filho é, como se diz na lingua de John Bull: "the right man in the right place".

Dahi, sem duvida, o motivo das transformações que se têm operado naquelle departamento da policia.

Transformações — accentuemos — que só vieram melhoral-a e reintegrál-a na confiança publica, como apparelho de manutenção da ordem e da garantia dos direitos do povo.

Já hoje a quarta delegacia auxiliar não é mais o terror da população carioca.

Graças á orientação do dr. Salgado Filho, que tem a seu lado dois moços de valor: drs. Miranda e Felizardo, seus secretarios, qualquer pessôa que entre naquella repartição se sentirá confiante na solução dos differentes problemas que se referem á ordem social.

Para isso ha mesmo uma secção denominada: Ordem Politica e Social.

Essa secção, como se póde prever, desempenha uma funcção muito delicada no seio da policia civil. Exercendo rigorosa vigilancia em torno de elementos derrotistas, perturbadores da ordem, concorre, enormemente, para a garantia e a segurança da tranquillidade publica. O tino administrativo do dr. Salgado Filho — que tanto se tem esforçado para expurgar essa secção dos vicios e erros do passado — entregou-a á capacidade technica dos srs. Mario Costa e Lopes Vieira. Estes, por seu turno, são o que se póde chamar dois policiaes de bôa envergadura.

Cooperando activamente para que a ordem social seja, de facto, uma delegacia efficiente, quanto á sua finalidade, constituem o braço forte do dr. Salgado Filho.

E' pena que a falta de recursos entrave, de certo modo, a acção daquelles dois zelosos funccionarios. Mas essa circumstancia focaliza ainda mais, o esforço e a bôa vontade dos chefes da Ordem Social.

Do dr. Virgilio Barbosa Lima muito é de esperar da sua intelligencia, do seu criterio e do seu bom desejo de collaborar na obra de engrandecimento da Republica Nova.

Dr. Salgado Filho, quarto delegado auxiliar.

As classes operarias do Rio de Janeiro, solidarias com o governo revolucionario e agradecidas aos dirigentes da Republica Nova, prestaram, sabbado ultimo, uma grande homenagem publica ao chefe do governo provisorio e ao ministro do Trabalho. As nossas photographias mostram: a grande massa proletaria deante do palacio do Cattete, no momento em que falava o ministro Lindolfo Collor, e o dr. Getulio Vargas, entre ministros de Estado e representantes de associações operarias.

# TREPAÇÕES

**O** senhor moreno e grisalho está gozando immensamente a estação calmosa lá pelas bandas do rio Piabanha.

Não é propriamente a vida da cidade serrana que o encanta.

São as vistas vigilantes da esposa, elle não póde dar expansão ao seu temperamento brejeiro.

Entretanto, nas subidas e descidas diarias, tira a fórra, na companhia agradavel de uma creatura que, si os calculos não falham, deve ter a idade das mulheres de Balzac...

Trinta annos, olhar quente, especie de gata Angorá, amorosa, terna, de gestos macios e demorados, lentos...

Assim, emquanto a esposa fica pacatamente em casa, ouvindo o marulhar dos rios, pensando no sacrificio das viagens diarias do marido, elle se diverte em plena liberdade, porque não repara nem mesmo nos companheiros de comboio.

E, pelo geito, parece que não se trata de um *flirt* innocente, sem consequencias...

No balanço mensal das despesas, a esposa vae vêr como elle terá occasião de alludir que a estação está *pesada*.

Aconselhará economias domesticas, pois, caso contrario, será obrigado a abandonar tudo, regressando ao Rio, verdadeira fornalha nos dias que correm.

A esposa, porém, que não oiça as lamurias do espertalhão, e trate de verificar onde está a valvula dos gastos excessivos da temporada de verão lá pelas bandas do Piabanha.

Uma descida inesperada seria de optimo effeito para *madame* surprehender o esposo no *sacrificio* das viagens diarias, ao lado da companheira de todos os dias...

**A** dactylographa tem passado dias amargos, na imminencia que está de ser posta fóra do emprego.

Realmente, nestes tempos bicudos, perder um cargo publico, bem pago, para *não fazer força*, constitue uma grande desgraça.

Mas, não se trata sómente da perda do emprego.

E' que a dama se acostumou ao ambiente da repartição e ao carinhoso tratamento do chefe.

Luis Fernando, o galante filhinho do casal Heitor Malaguto de Souza.

Lucy Cléa, uma carioca de oito mezes, filha do sr. Jarbas Augusto de Barros e de d. Florinda Marinho de Barros.

Cercada de todo o prestigio, ella manda um pedaço..., fazendo e desfazendo as coisas burocraticas de accordo com o seu orgulho ou capricho de mulher.

O chefe approva tudo, e, como o tempo em que estão juntos na repartição passa depressa, o expediente é quasi sempre prorogado numa casa de chá ou em um cinema que já foi discréto, mas que está, agora, transformado em centro de piratas.

Si a dactylographa perde o emprego, vae ser um buraco...

E si não deixar substituta, o chefe morrerá de tédio, suffocado entre pilhas de processos que dormem sobre a sua *mesa de trabalho*...

**M**ADAME ficou devéras aborrecida, mais do que isto, indignada, pelo facto de termos revelado o seu ultimo capricho de se fazer acompanhar, ao banho de mar, por um turco de armarinho.

De facto, para uma dama que sempre alimentou caprichos de melhor quilate, a nossa descoberta constituiu uma reclame de consequencias irreparaveis para o seu orgulho de mulher.

Somos os primeiros a lamentar a queda de *madame*, do alto do seu pedestal...

Mas, o nosso espanto foi tão grande, que não resistimos ao *prazer* de registar o acontecimento mundano da mais linda praia carioca.

Nós só acreditamos porque vimos...

No officio de *trepador*, temos o dever de vêr, ouvir e contar...

Quando não queremos vêr, fechamos os olhos.

Quando não desejamos ouvir, tapamos o ouvido.

Mas, deixar de contar, isto é que não...

Os leitores desta já celebre e celebrada secção são exigentes, gostam de novidades.

*Madame* ficou indignada!

Pois contaremos o resto da historia...

* * *

## MENTIRAS AZUES

Dolorosamente surpreso, surpresa triste e amarga, que nas pessôas superiores se transforma em fina ironia, — você perguntou, quasi severo:

— Por que mentiu?

Eu estremeci.

— Por que?

— Mentirosa...

E uma convulsão de revolta subiu-me ao rosto.

E senti, tambem, dolorosa surpresa.

Sim... o meu destino é mentir... mentir sempre...

As mulheres nasceram para dominar: umas pelo talento, outras pela belleza, outras pela sympathia.

Eu domino pela mentira.

Conquisto um coração mentindo.

Tenho a mentira nos meus olhos de amendoa movediços, quando você os julga semi-cerrados por prazer intenso...

Tenho a mentira na minha bocca de voluptuosa, quando, á flor dos labios, surge o soluço: «Meu amor»...

Tenho a mentira no meu corpo ondulante, quasi desengonçado.

Tenho a mentira na minha alma callejada, cheia de cicatrizes.

E' por isso que sorrio, que colho as pessôas na minha sympathia falsa, envolvente...

Por que minto? Por que? Não sei. Eu gosto de você. Desejaria ser verdadeira, completamente sincera para você. Mas não posso. E' qualquer coisa superior á minha vontade. «Mente». E eu minto.

Assim, quando sinto impetos de dizer a alguem todo o meu odio ou todo o meu despeito, tomo as mãos desse alguém, aperto-as entre as minhas, e sorrio... E, emquanto murmuro: «Grande estupido!» — esse alguém vae pensando: «Encantadora!»

E, nesse alguém que detesto, tenho mais um escravo.

Vencer com requinte, com arte, chegar ao apogeu sem magoar o nosso corpo fidalgo, eis a arte de vencer!

Sou mentirosa. Minto rindo, dançando, chorando, até.

E' uma paixão allucinante. A's vezes, fico pensando si elle não será o rapagão dos meus sonhos... Porque eu gosto muito de rapagões estroinas.

Não respira, não para, não cansa a dança das minhas mentiras azues.

E eu me distingo de todas pelo meu chique mentiroso como todos os chiques.

Mas, em amor, não gosto de ser desmascarada.

Nessa occasião, dolorosamente surpresa, uma convulsão de revolta me sobe ao rosto.

E perco o enthusiasmo pelo imbecil que tiver a grosseria de me chamar: «Mentirosa!»

Quero morrer rindo, bem pintada, e bonita para deixar patente, a ultima mentira: — a minha felicidade.

Mas, antes disso, eu dançarei sempre a minha dança lubrica de mentiras azues... — Conchita Cid.

Os medicos da turma de 1920 da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro commemoraram no ultimo sabbado o primeiro decennio de sua formatura e, por esse motivo, fizeram celebrar uma missa em acção de graças, reunindo-se, após a cerimonia religiosa, em um almoço intimo, em Copacabana.

Na egreja da Cruz dos Militares celebrou-se, quinta-feira penultima, uma solemne missa em acção de graças pelo regresso e reversão ao serviço activo da Armada dos officiaes que, em 1924, tomaram parte na revolta do encouraçado «S. Paulo» e que, desde então, se achavam exilados na Argentina. A presente photographia mostra um aspecto da nave daquelle templo, durante a cerimonia religiosa, na qual officiou s. ex. revma. o bispo d. Mamede.

## "A MULHER E OS SEUS DIREITOS"

Foi com esse titulo que a brilhante escriptora sra. Sylvia Seraphim realizou no Theatro Lyrico, no sabbado ultimo, a sua annunciada conferencia.

Desenvolvendo o seu thema, a autora victoriosa dos "Fios de Prata" demonstrou, com uma dialectica intelligente, bastante feminina, o que era o direito das representantes do seu sexo em confronto com os direitos de honra e os de amor, isto é, daquelle que tem caracter physiologico.

A sra. Sylvia Seraphim encantou a fina platéa que a ouviu e que era composta, na sua maioria, de senhoras e senhoritas. Foi, por isso, calorosamente applaudida.

Mais do que nos outros, tiveram, este anno, um accentuado esplendor as festividades commemorativas da passagem do anniversario da cidade. Umas de caracter civico, outras de espirito religioso, todas ellas realçaram pelo brilho desusado e pelo enthusiasmo da população carioca. Na Prefeitura, a imagem de S. Sebastião recebeu homenagens que traduziram o sentimento de fé catholica do nosso povo. Entre outras solennidades, teve, tambem, significativa expressão a missa campal que, por iniciativa do Centro Carioca, foi celebrada, na manhã do dia 20, na esplanada do Castello, sendo officiante s. ex. revma. o bispo d. Mamede. A nossa pagina focaliza, ao alto, um detalhe dessa ceremonia. Em baixo, é um flagrante da procissão do Santo Martyr no Mosteiro dos Capuchinhos, em construcção, á rua Haddock Lobo.

### A SABEDORIA ORIENTAL

A terra é um contracto em que os homens virtuosos sabem ganhando o paraiso.

*

Dissipa tuas magoas: esta noite ainda não saberás o que te acontecerá amanhã.

*

Este mundo não é mais do que a sala de espera do outro.

Tambem fazia parte do programma de commemorações do dia da cidade, organizado pelo Centro Carioca, a inauguração, no adro do convento de Santo Antonio, de uma placa commemorativa do centenario de Frei Francisco de Santa Thereza do Amor Divino Sampaio, decorrido em setembro do anno passado. Essa solennidade, que se revestiu de grande brilho, teve a presença de representantes das altas autoridades e muitas familias. Houve vários oradores, entre elles a senhorita Ilka Labarthe e o sr. Belgrado Monte Alverne, sobrinho-neto do notável orador sacro Frei Francisco de Monte Alverne. São flagrantes dessa cerimonia o que fixam as photographias desta pagina.

### FILIGRANAS

Os bolschevistas, querendo extirpar o sentimento religioso do povo russo, procuram realizar aquillo que chamam o assalto do céu. Elles esquecem o que as tradições humanas contam do passado sob forma de mythos e de lendas: a confusão das linguas quando os homens quizeram chegar ao céu com a torre famosa de Babel e o raio de Zeus fulminando os titans que pretenderam escalal-o, pondo montanhas sobre montanhas.

Esperemos o fim dessa loucura.

# Os Sete Dias de "Fon-Fon" no Cinema

Fifi Dorsay

J. H. Murray

Rose Dione

Clyde Cook

são interpretes da producção da FOX dirigida por

Alexander Korda

Era aquelle o homem dos seus sonhos.

# O homem dos meus sonhos

Entendiam-se.

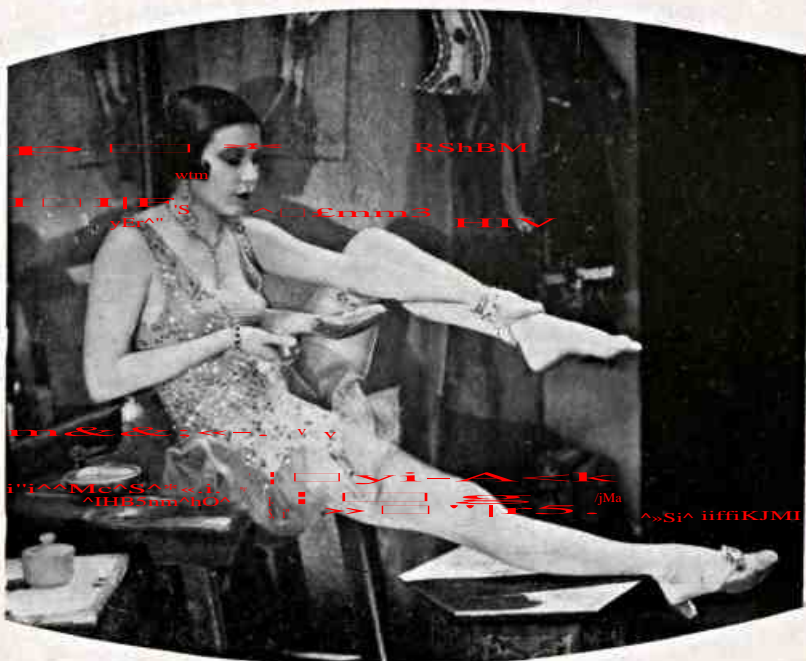
Charles Jackson, joven aventureiro, typo moderno de pirata dos mares, explorava, com a sua escuna "Arabia", o transporte clandestino de armas e munições. Por questões de intriga surgidas a bordo, com o piloto Michel Kopulos, elles resolvem atirar ao mar o perigoso grego.

Vendo-se perseguido pela policia maritima, Jackson ordena a maior velocidade possivel, o que não obsta de serem presos. Delatado dos seus intuitos, pelo miseravel Kopulos, são todos entregues á justiça.

Aproveitando-se da distracção dos guardas, Jackson foge, procurando abrigo no camarim da linda bailarina Lili La Fleur, a namorada da Legião Estrangeira. A principio, Lili reluta em conceder a sua protecção, mas, ao ver a audacia e o destemor de Jackson, aca-

ba acolhendo-o, refugiando-o das vistas da policia.

Entretanto, Michel, que guardava odio de Jackson, descobrindo o seu esconderijo, ameaça Lili de denunciai-a, caso ella não corresponda aos seus desejos em tornar-se o seu preferido. Lili, que já começava a dedicar affectuoso e sincero amôr a Jacques, tenta por todos os meios salval-o, e a unica opportunidade é fazel-o passar por um soldado da Legião.

Com tão pouca sorte andava o nosso heróe, que, sendo preciso combater os arabes, desta cam justamente o regimento a que Jacques pertencia. Após momentos de crueis incertezas para Lili, eis que Jacques surge coberto de glorias, promovido ao posto de sargento, por actos de bravura, orgulhando a sua Lili amada, que via em Jacques o typo ideal, o verdadeiro homem dos seus sonhos.

A volupia do luxo.

A *RESPLANDECENTE HOLLYWOOD* — E' uma noite de sabbado no Boulevard de Hollywood.

A ampla avenida resplandece com o fulgor vermelho das luzes Neon. Aqui e ali um raio brusco illumina a humida obscuridade. Na sua mór parte, comtudo, a rua apparece deserta. O transito se reduz a um ou outro taxi, caminhões de jornaes, a carrocinha de leite e as motocycletas da policia que cruzam pacificamente as esquinas. Um relogio a dar horas, e o tresnoitado inveterado move a cabeça e suspira:

— E não se tem um logar aonde ir a estas horas, murmura elle com a garganta opprimida, e a noite mal começou!

Ha alguns annos, o individuo em questão havia tido pelo menos seis festas em perspectiva a uma hora da manhã, depois de haver assistido possivelmente já a uma duzia de reuniões. Festas continuas eram o costume mais velho e popular de Hollywood. Mas aos sabbados á noite era differente. Alguem percorria as casas dos seus amigos e entrava simplesmente sem convite algum.

Hoje em dia, as recepções parecem uma arte apagada, senão esquecida. Sem se saber a razão, as festas de Wollywood se tem convertido em reminiscencias.

A mulher e o fantoche.

Lia-lhe nos olhos a sua desgraça.

Precaução inutil.

# "RIVAES NO CRIME"

Producção da RADIO

*Interpretes:* JACK PICKFORD
EDDIE GIBBON
OLIVE BORDEN

Nos quartéis generaes do "Bando de rua" de San Francisco, bando que explora o contrabando de bebidas, disfarçado numa fabrica de velas, Mike Luego, cruel e implacavel chefe do bando é avisado por seus capangas da partida de um caminhão carregado de bebidas de seu formidavel inimigo Blackjak Connel. Luego jura vingança. Ao mesmo tempo, num cabaret de segunda ordem, um novo saxophonista, Clyde Baxter, faz a sua estréa na orchestra e, por sua maneira de tocar, chama desde logo a attenção de uma das "dançarinas" conhecida entre as outras como "Flores", por causa das flores que ella costuma trazer nos cabellos.

Clyde toca e ella dança sozinha, quando é interrompida pela chegada de Blackjack e o seu constante "sombra", Wong, um chinez intelligente. Scientificado por este que só poderá conseguir "Flores" por meio de uma licença de casamento, Blackjack obtem uma permissão e, dentro em pouco, mostra a licença á moça, á entrada do cabaret, pedindo-lhe que marcasse o dia do casamento. "Flores" hesita. Leva um livro que apresenta os ultimos passos de dança. Mostra o novo passo que Clyde lhe ensinou. Blackjack comprehende que o rapaz do saxophone é o seu rival. Deixando a moça, Blackjack vae para os lados do cáes, que é o quartel de seu bando e está dirigindo o carregamento de bebidas, quando Luego e o "Bando de rua" assaltam o carro, disparando as armas contra os homens de Blackjack e fugindo com o caminhão, depois de uma luta desesperada.

No cabaret, "Flores" recebe uma carta de Blackjack, avisando-a que fique longe da rua quando começar o Anno Novo. Clyde, pensando que a carta é de um admirador della, parte para casa com o seu saxophone profundamente aborrecido. Ella o segue, esforçando-se para alcançal-o. Clyde declara que ambos são bons demais para um lugar tão ordinario e assim combinam formar um conjuncto. Dahi, conta a "Flores" o amôr que tem por ella, tomando-a em seus bra-

Elle estava deixando-se illudir.

ços. Mas ella está com medo. Pede-lhe que se vá e que não a veja mais. O rapaz declara que não teme Blackjack e insiste em apparecer na casa da moça.

Emquanto isto, Blackjack está planejando o seu ataque contra Luego, na fabrica de velas. Disparando tiros na loja com uma metralhadora, que faz victimas e dispersa a multidão, os homens de Blackjack destroem aquelle logar, escangalhando tudo que tem ás vistas, emquanto Luego se esconde. Blackjack dirige-se para o cabaret e descobre que "Flores" e Clyde partiram para o apartamento delles. O homem parte em companhia de Wong. Clyde e a moça; chegam em casa e á entrada, ella o quer fazer comprehender que devem por um fim áquella amizade. Beija-o inesperadamente e corre para dentro. Mas Clyde força a entrada e alli pede-lhe que se case com elle. Ella está quasi cedendo, quando descobre Blackjack, do lado de fóra da porta, ouvindo tudo. Immediatamente se vira contra Clyde, rindo delle e dizendo-lhe que o seu amor é Blackjack. Elle entra com Wong e se prepara para matar Clyde, quando "Flores" lhe supplica que elle é uma victima innocente. Blackjack ordena que ella se case com elle immediatamente. Ella consente e ambos correm para o casamento, deixando Clyde sob a guarda de Wong. O bando de Luego chega ao cáes em busca de Blackjack e não encontra ninguem. Parte para o apartamento de "Flores", onde Clyde, por argucia, consegue ter Wong sob o seu mando, mediante um revolver. Descobrindo a approximação dos homens de Luego, Clyde diz-lhe onde Blackjack se encontra, mas Wong appella para sua honra, dizendo-lhe que não deve causar a morte do homem que "Flores" realmente ama e Clyde consente em guardar silencio. Wong escapa por uma janella quando o bando entra, e Clyde, tendo ficado inconsciente, é levada para a loja de Luego, onde o bando opera. Blackjack e "Flores" casam-se ás pressas e chegando ao quartel de operações ouvem de Wong o heroismo de Clyde e seu destino infeliz. "Flores", sentindo o seu verdadeiro amôr por Clyde, insurge-se contra Blackjack que, esmagado pelo remorso, promette fazer o possivel para salvar a vida do rapaz.

Queriam que ella confessasse.

Procurando abrir caminho junto da multidão nos corredores, "Flores" atravessa e ganha a escada que dá para o compartimento de Luego, justamente quando começa um terrivel tiroteio debaixo da escada. Ella alcança o compartimento para ver um corpo sem vida no soalho. Vira-lhe a face e vê que se trata de Blackjack. Clyde sae do seu esconderijo e explica:

Blackjack veiu voluntariamente e entregou-se á luta para vingança de Luego, pedindo que dissesem a "Flores" que elle esclareceu tudo como promettera e que Clyde tomasse conta della.

O receio do castigo atormentava-a.

O maior elo que a prendia á vida.

# A VOZ DO AMOR

## DA COLUMBIA PICTURES

Queria salval-o do vicio tremendo.

Felizes como tres creaturas que tivessem encontrado na vida o ideal verdadeiro da felicidade, constituiam elles o "trio" alegre e prazenteiro que de theatro em theatro percorria as cidades mais movimentadas da America, alcançando sempre o melhor dos successos. Sua especialidade era trabalhar nos theatros modestos frequentados pelas familias que não olhavam com bons olhos as apresentações mirabolantes das revistas modernas e as canções que elles entoavam se faziam logo populares e espalhavam-se em toda a parte, ao passo que os sapateados comicos e combinados dos tres encantavam as platéas. Tom fazia o chefe da "troupe", Anna cantava e Buddy, o interessante filhinho do casal, saltava de contente entre os dois.

O *climax* de seu espectaculo era uma canção de Anna, "Take everything but you" e o pequeno, muitas vezes, se conservava atraz do scenario, entoando o côro popular.

Buddy, devido á existencia que levava, embora se apresentando com trajes de gente e muito mais intelligente que os meninos de sua edade, não tinha a educação muito apurada. Nada conhecia elle que não fosse com referencia aos habitos da ribalta e sua mãe, percebendo isto, resolveu retiral-o daquelle meio, constituindo um lar para o filho e dando-lhe, portanto, o trato de que elle necessitava.

Tom não gostou muito do plano da esposa, havendo até um desentendimento entre ambos e, entrementes, entrou na vida do casal uma loura esperta, que tinha intenções de tomar o logar de Anna. Mazie era o seu nome, e, como artista, sabia o modo de agir, para se aproximar de Tom, o que realmente não lhe foi difficil, devido á sua belleza.

Emquanto Anna e Buddy iam distrahir-se na cidade vizinha, Tom metteu-se numa complicação com Mazie e, de volta daquella viagem de recreio, a esposa, que vinha para festejar o anniversario do filho, sabe toda a verdade. Com o coração partido de dôr, ella propõe ao marido que daquelle dia em deante se separassem, que ella sózinha manteria o filho, e de commum accôrdo combinam esconder a falta ao filho.

Anna consegue ser contractada para um numero no cabaret da cidade e o seu successo ali fal-a conseguir uma offerta vantajosa do melhor empresario. Visitando frequentemente Buddy, o qual ficára collocado numa escola militar,

vivia por isto relativamente feliz. Um dia, Buddy descobre a rixa entre os paes e resolve voltar para a companhia dos mesmos.

Procurando a pista do pae, elle vem a encontral-o, e faz com que Tom regresse a Nova York. O rapaz, porém, sentia-se attrahido para Mary de uma irresistivel maneira e, com muito custo, depois de receber da amante as maiores provas em contrario, accedeu ao pedido do filho e voltou para a companhia de Anna. Ella, a esse tempo, trabalhava como cabeça de uma "troupe" no Palace e os dois, pae e filho, em vez de a procurarem no camarim, tomaram assentos na platéa. Ambos escutam a canção de successo e Anna percorre o repertorio de sua melodia. Mas quando ella inicia as notas de "Take everything but you", Buddy abandona o seu logar na platéa e junta-se ao côro.

O facto trouxe outra vez os tres amigos ao lar e dentro em breve o "trio" Gibbons não estava de novo em villegiaturas ao acaso e sim contractado solidamente para uma longa estação na melhor casa da cidade, e a felicidade voltou a reinar naquella familia.

---

*OS DOIS IRMÃOS DE MILLE*

— Na primeira pagina de um grande e interessante livro intitulado "Como escrever pequenas historias", apparece uma phrase curta que diz: "Nunca faça o argumento depender de uma coincidencia."

As coincidencias são, de facto, a reunião improvavel de pessôas, em fórma alheia á vida real, mas muito conveniente para o autor que se encontra em apuros para sahir da mesma situação de sempre. E agora, em Hollywood, onde mais do que em qualquer outro logar se notam as coincidencias de expedientes de mau gosto, acaba de apresentar-se a coincidencia mais notavel. Dentre 50.000 pessôas que constituem a população da capital do cinema, dois irmãos foram escolhidos para ser chefes de Hollywood; e isto põe a situação de Cinelandia exactamente na mesma condição das historias em que o heroe, que se acha na miseria mais negra e enamorado de uma linda joven, encontra um bilhete de loteria esquecido, e ganha o grande premio, precisamente a tempo para subjugar o villão que, por signal, se acha na posse de fataes documentos. Cecil e William De Mille são os irmãos em questão.

Felicidade!

**INTERPRETES:**

*Anna - Belle Baker; Tom - Ralph Gravez; Buddy - David Durand.*

Não beberia mais.

A menina Lucia-Maria, filhinha do almirante Priamo Muniz Telles, no dia de sua primeira communhão.

A senhorita Iris Forjaz Ginefra, que acaba de contrahir nupcias, em Barra do Pirahy, com o sr. Virgilio Pereira de Castilho Barbosa.

Maria, Yêdda e Avany Monteiro de Barros, que fizeram sua primeira communhão na Escola Padua Soares.

A senhorita Amelia Miguel Shad, cujo casamento com o dr. Manoel Prata Soares se realizou ha pouco, em Barra do Pirahy.

*SABEDORIA*

O verdadeiro bem consiste no que é honesto; o verdadeiro mal, no que é vergonhoso. — *Marco Aurélio.*

Foge dos furiosos e dos desesperados, com quem nunca se trata sem grande perigo. — *Mazarino.*

Antonietta, filhinha do casal Octaviano Lopes de Souza — d. Esmeralda Paiva de Souza, residente em S. João Marcos.

Grupo de alumnos da Escola Nacional de Bellas Artes, da aula de modelo vivo do professor H. Cunha Mello.

Aridio, filhinho do sr. Izidoro Pinheiro e de d. Ignez Pinheiro, residentes nesta capital.

# ESQUECER... RECORDAR...

I

*Si eu pudesse esquecer-te!... Si eu pudesse
Arrancar-te de vez do pensamento!...
E aos céos imploro, numa ardente prece,
A suave e eterna paz do esquecimento.*

*Talvez que alguma calma assim me viesse
A tanto desespero, ao meu tormento.
Mas a verdade é que ninguem se esquece
De um grande amôr, de um grande encantamento.*

*E si alguem te disser que se esqueceu
Do amor que, um dia, no seu peito ardeu,
Não creias que jamais ha de lembrar.*

*Quando o amôr é como este assim profundo,
O mais que se consegue neste mundo
E' poder recordal-o sem chorar!*

II

*Não queria esquecer-te inteiramente,
Nem almejo riscar-te da lembrança.
Mas queria lembrar-te suavemente,
Mesmo assim, sem ter mais uma esperança.*

*Que esta saudade, que jamais se cansa
De te revêr tão dolorosamente,
Se transformasse na saudade mansa,
Que evoca sem fazer penar a gente...*

*Na saudade que vae á cicatriz
De um coração que outróra foi feliz,
Acariciando-a sem deixar soffrer!...*

*Na saudade — melhor que o proprio olvido! —
Que um amôr, como o nosso, já perdido,
Nos consente lembrar sem padecer!*

# GOTTAS...

Mais que a bôa fama, vale a bôa consciencia.

•

Como é bom saber-se a gente melhor do que os outros o julgam!

•

Que peso, que responsabilidade, quando valemos mais na opinião dos outros do que aquillo que realmente somos!

•

Antes perdoar um criminoso do que castigar um innocente.

•

*Vanitas, vanitatum et omnia vanitas.* O tempo passa, e com elle todos os bens da vida: mocidade, amor, belleza... E quando não nos fogem elles, somos nós que lhes fugimos.

•

O bem está para o bello e para a verdade assim como o sol está para a luz

O bem é o principio da sciencia, da belleza e da verdade, como o sol é a fonte da luz

•

O sol é luz, mas a luz não é o sol. Assim o bem. E' verdade, é sciencia, é belleza; mas a belleza, a verdade e a sciencia não são o bem: apenas delle emanam.

•

O esforço individual concorre para o progresso geral.

•

Cada um de nós póde, aperfeiçoando-se, contribuir para a evolução da humanidade.

•

A alma que dá um passo, um só que seja, para a perfeição, arrasta comsigo, na sua ascensão, o mundo inteiro.

•

Quanto mais vazia é a vida, mais pesada parece.

•

Quanto mais peso a gente carrega sobre os hombros, mais leve se sente.

•

Póde-se corrigir um destino; mudál-o, nunca.

•

As grandes dores são como a terra fertil: tudo nellas germina e fructifica.

Quasi tudo na vida depende da força de vontade, da intensidade do desejo. Querer, desejar ardentemente, é quasi realizar.

•

O enthusiasmo é a alavanca da vida. E é o segredo do triumpho e da felicidade.

•

O enthusiasmo é o sentimento propulsor para a victoria, é a força accionadora das energias humanas.

•

Vida sem enthusiasmo não dá fructo.

•

Para que uma vida fructifique, é preciso o estimulante do fervor, que é enthusiasmo.

•

O homem enthusiasta é um irradiador de sympathia, um accumulador de energia.

•

A creatura que tem enthusiasmo, fervor, é como uma tocha viva que espalha luz e calor á volta de si.

•

Para vencer, é preciso o fogo sagrado do enthusiasmo. Pôr enthusiasmo em todos os actos, fervor em todos os sentimentos. Crer, amar, agir com fervor, com enthusiasmo.

•

O valor moral, o enthusiasmo e a perseverança influem muito mais na victoria do que a intelligencia e a cultura intellectual.

•

O valor moral é uma das qualidades de mais peso na balança da vida.

•

Quanto mais alto se eleva uma alma, mais tolerante e condescendente se torna.

•

Tudo se explica e justifica na vida physica como na moral.

•

Um mesmo acontecimento nunca repercute igualmente em duas almas.

•

A dor dá o que recebe da alegria.

REGINA REZZESI

**Tomae uma assignatura annual, para 1931, de FON-FON ou SELECTA**

## PELA SEGUINTE RAZÃO:

A "Empreza Fon-Fon e Selecta, S/A" premiará os seus innumeros assignantes, indistinctamente, com uma apolice no valor acima declarado, da Companhia de Seguros de Vida A EQUITATIVA, sem despesa, livre de exame medico, desde que o numero do talão de sua assignatura corresponda, integralmente, ao 1.° premio da 1.ª Loteria da Capital Federal, a extrahir-se em Março de 1931.

**Preço das assignaturas por anno:**

FON-FON ........ 48$000 SELECTA ........ 48$000

Pedi informações, hoje mesmo, á

**Empreza Fon-Fon e Selecta, S/A**

RUA REPUBLICA DO PERÚ, n. 62

End. Tel. "FON-FON" Telephones 2 - 4136 e 2-0377

Rio de Janeiro

# Notas de Arte

ARTE FEMININA — Commemorando o 2.º anniversario da sua fundação, a União Universitaria Feminina — gremio de intellectuaes, constituido por senhoras e senhorinhas diplomadas, ou alumnas das escolas superiores — inaugurou em sua séde, no dia 13 de janeiro findo, uma pequenina exposição de quadros e bustos, plasmados exclusivamente por artistas femininos: Georgina d'Albuquerque, Maria Francellina, Sarah Figueiredo, Candida Cerqueira, Celita Vaccani, Odelli Castello Branco e Wanda Turatti.

Percorrendo-a de relance, com auxilio de um catalogo improvisado pela extrema gentileza da engenheira patricia, presidente da U. U. F., senhorita Carmen Portinho, fomos logo agradavelmente surprehendidos pelos quadros — *Retrato* e *Cabeça Espanhola*, de Sarah de Figueiredo, e *Mancha Azul*, de Maria Francellina. Alliam todos tres, á perfeição do desenho, a belleza do colorido, mas emquanto os quadros de Sarah accusam mais intensa vida cerebral, traduzem melhor a alma das retratadas, o de Maria Francellina dá-nos deliciosa impressão dos encantos physicos da figura. *Cabeça Espanhola* e *Retrato* são almas fixadas na tela; *Mancha Azul* é mais corpo que alma, é um perfil de mulher physicamente bella, apenas celestializada pelo azul que lhe serve de engaste, como um pedaço de céu engasta uma estrella. No emtanto, agradam todos, todos impressionam.

Noutro genero, mas de identico valor, é a pequenina paizagem de Georgina de Albuquerque, um recanto de *fazenda* paulista, que se admira e se contempla com prazer.

Bellos, communicativos, o estudo de cabeça, de Wanda Turatti e os dous bustos de Celita Vaccani.

Não esqueçamos ainda a *Bahiana*, de Odelli Castello Branco e *Saco de S. Francisco*, de Candida Cerqueira.

Quaesquer que sejam as restricções e os reparos que possam fazer os technicos aos trabalhos expostos, o certo é que revelam o que aliás é sobejamente sabido, o valor da intelligencia feminina, apenas differente da intelligencia masculina, mas não inferior a ella. Dotada com a mesma cultura que o homem, a mulher o iguala senão o excede nas producções do espirito. Não esqueçamos que Corinna venceu a Pindaro nos jogos de Olympia e que Sophie Germain resolveu um problema de physica-mathematica que zombou do genio de Lagrange. Não fôra já a sua superioridade affectiva, que a torna por isso o ser por excellencia, seria ella uma rival do homem em cousas do espirito. Pena é que o movimento feminista, em lugar de aspirar ao reconhecimento geral da superioridade da mulher sobre o homem, queira apenas a igualdade de ambos, e concorra assim, sob varios aspectos, para degradar em vez de elevar o sexo da belleza e da graça, da pureza e da ternura, fazendo que a mulher desça até onde os homens estão, em vez de fazer o Homem subir até onde as mulheres estavam...

Pedimos nos relevem estes commentarios as illustres damas da U. U. F. Somos tambem pela encorporação da Mulher á vida social em toda a sua plenitude, mas não esquecendo que ao homem cabe melhorar o mundo e a Mulher é destinada a educar o homem: O homem faz as grandes obras; a mulher os grandes homens. Nem tambem o theorema de sociologia: *o homem deve sustentar a mulher*. O que não quer dizer se rejeite de todo, *como remedio provisorio, para evitar maiores males*, a situação actual da mulher na actividade publica, em fabricas e repartições, casas commerciaes e bancarias, no exercicio da medicina, da advocacia, da engenharia, fazendo politica e administração. E' preciso ser sempre, de accordo com a regra estatuida pelo mestre dos mestres conciliante do facto e inflexivel em principio: *conciliant en fait, inflexible en principe*...

BANDA CIVIL CARIOCA — Sob a regencia do prof. Antão Soares, estreou na penultima mantedia, no Theatro Lyrico, a Banda Civil Carioca, conjuncto de 90 musicos, que executaram entre multiplos e merecidos applausos este programma: I) Francisco Manoel — *Hymno Nacional Brasileiro*; Wagner — *Abertura* da op. *Tannhauser*; Alberto Nepomuceno — *Suite Brasileira* (Alvorada na serra — Intermedio — A sésta — Batuque); II) Francisco Braga — *Marabá* (poema symphonico); Tchaikowsky — *Abertura* "1812".

Dadas as difficuldades do emprehendimento e o facto de ser apenas estréa, póde-se affirmar sem erro que foi um grande successo o brilhante vesperal. Demonstrou mais uma vez o valor dos nossos musicos, quer como compositores, quer como instrumentistas. A *Suite Brasileira*, e Nepomuceno e o *Marabá* de Francisco Braga tiveram bella interpretação. Embora bisada a ultima parte da *Suite*, *Batuque*, agradou-nos mais a primeira, *Alvorada na Serra*. Das composições não brasileiras, emocionou-nos mais a obra de Tchaikowsky do que a de Wagner. Mas revelaram ambas que o prof. Antão Soares e a sua banda são capazes de levar a cabo a tarefa que emprehenderam: manter no Rio um conjuncto musical semelhante aos que existem noutras grandes capitaes da Europa e da America.

No louvor aos musicos não se deve esquecer o generoso concurso do empresario Viggiani, cedendo o Theatro Lyrico para o bello vesperal.

# COM A INAUGURAÇÃO EM SÃO PAULO D'ESTA FABRICA MODELO ESTÃO DE PARABENS AS DONAS DE CASA DO PAIZ INTEIRO .....

OS MAIORES FABRICANTES DE SABÃO DO MUNDO DESDE HOJE FABRICAM AQUI TAMBEM OS DOIS PRODUCTOS DE FAMA UNIVERSAL "LUX" E "SUNLIGHT"

## PARA AS MIMOSAS ROUPAS DE HOJE . . . SÓ A PUREZA DO „LUX"

Lux é o producto que revolucionou os maiores centros da moda e que agora inicia no Brasil uma era nova no methodo de lavar roupas finas.

Feito em forma de maravilhosas escamas que possuem o magico effeito de conservar como novas as suas roupas de seda, a sua mimosa lingerie e as suas lindas meias, o Lux é o expoente maximo da lavanderia moderna.

Simplificando ao extremo a maneira de lavar, o Lux pode ser usado pela creatura mais delicada sem o menor esforço e sem causar o mais leve damno ás mais fidalgas mãos.

Além disso, a abertura de uma fabrica no Brasil possibilita a offerta desse producto a preços grandemente reduzidos sem que a excellencia de sua qualidade tenha sido affectada.

## O SABÃO DE MAIOR VENDA NO MUNDO

Nenhum sabão tão puro foi feito até os nossos dias. Onde quer que seja, lhe reconhecem o valor: "NENHUM TÃO BOM COMO O SUNLIGHT!" E essa pureza tem uma base concreta; é assegurada por uma garantia de 40:000$000. Importa isto dizer que o "SUNLIGHT" pode ser usado com a certeza de que as roupas nada soffrerão e que as mãos serão poupadas dos riscos que correm com as materias causticas. Sendo agora fabricado no Brasil, a visita do sabão SUNLIGHT aos lares nacionaes será recebida com dobrado jubilo.

S. A. IRMÃOS LEVER
SÃO PAULO — BRASIL

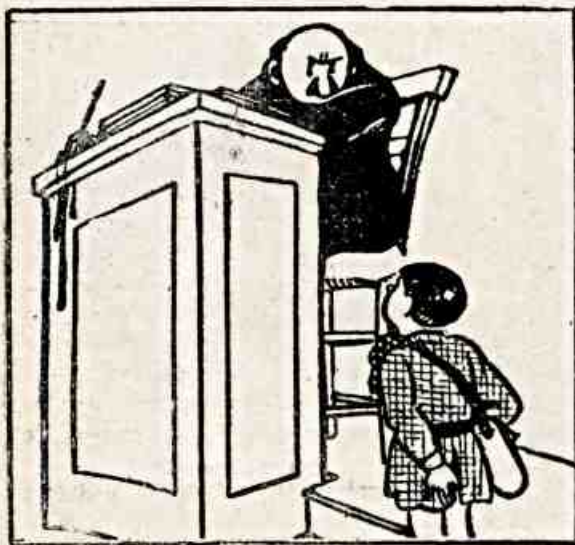
FO 1 Bz.

# ESPIRITO ALHEIO

*A senhora* (*surprehendendo a empregada provando um dos seus chapéos*). — Que está você fazendo com meu chapéo?

*A criada.* — Nada, patrôa. Desejava apenas vêr como elle ficava num rosto bonito...

A *NOVA CRIADA* — Si me chamarem, dize que não estou.

— E si não chamarem, que digo, patrôa?

*NA ESCOLA*

— Por que chegas tão tarde, Joãosinho?

— Porque minha mãe precisou de mim.

— Para que?

— Para dar-me uma surra.

*O fazendeiro*: — E dizes que a vacca te machucou assim o olho, com a cauda? Não é possivel!

*O empregado*: — Sim, senhor; com a differença, porém, de que eu lhe havia amarrado uma pedra na ponta, para que ficasse quieta...

*UNIVERSITARIOS...* — *O calouro.* — Poderia indicar-me por onde se vae á sala de estudo?

*O veterano.* — Não sei. Eu tambem sou estudante...

*TEMPOS MODERNOS...*

— Senhor: acaba de chegar esta alma. Onde a alojaremos? Com os bem-aventurados, ou com as bem-aventuradas?...

# Quando o calor é insupportavel em toda a parte!

MAIS uma vez Frigidaire é a primeira! Depois de nos apresentar as suas ultimas novidades em refrigeração culinaria, Frigidaire nos offerece, agora, uma verdadeira surpresa! . . .

Eil-a: quando já os nossos irmãos do outro lado do hemisphério podiam supportar o frio, protegidos pelos novos processos de aquecimento — nós, os dos tropicos, soffriamos horrivelmente com o calôr abrazador que invadia os nossos escriptorios e todos os recantos para onde nos refugiassemos . . .

Veio Frigidaire e nos attenuou esse martyrio, fornecendo-nos, então, os melhores gelados e gostosos manjares, de accordo com o que o tempo exigisse. Não satisfeita, ainda, Frigidaire acaba de lançar o conforto maximo dos tropicos: o **Refrigerador de Quartos; refresca e absorve a humidade.**

O **Refrigerador de Quartos** (Frigidaire) é a ultima palavra em acabamento e elegancia, o que torna-o, até um lindissimo movel de durabilidade sem igual. São todos adaptaveis á cinemas, restaurantes, bars e aos mais ricos palacetes.

Esta ultima creação Frigidaire, permitte se ter, em nossos lares ou em nossos escriptorios, uma temperatura amena, instigando-nos a não deixar as nossas casas em busca de lugar mais fresco e nem tão pouco prejudicando o nosso trabalho e o nosso physico. Por isso, quando o calôr é insupportavel em toda parte, os lugares onde existir um **Refrigerador de Quartos** é um paraizo.

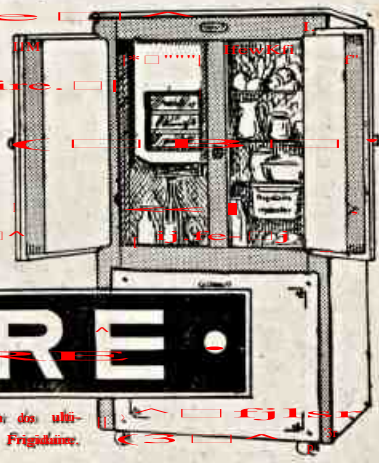
Vá, portanto, hoje mesmo á **Mestre e Blatgé** e peça-lhes uma demonstração com uma Frigidaire ou um **Refrigerador de Quartos.** Convém notar que sómente **Mestre e Blatgé** é que vendem Frigidaire.

SOC. ANONYMA BRASILEIRA ESTABELECIMENTOS

**MESTRE E BLATGÉ**

48—54 RUA DO PASSEIO 48—54

# ·FRIGIDAIRE·

*A maravilha tropical: O Refrigerador de Quartos*

*Apresentamos um dos ultimos modelos de Frigidaire.*

# O ENCONTRO

ERA intenso o movimento na rua do Ouvidor naquelle sabbado e áquella hora da tarde. Laurita, no seu passo curto e apressado, viéra ter á esquina daquella rua com a Gonçalves Dias. Ahi, indecisa sobre o caminho a seguir, parára. Depois, subitamente resolvida, tomou pela rua Gonçalves Dias. Mal déra, porém, dois passos, arrependeu-se e voltou-se rapida e tão desastradamente, que, por pouco, atirava ao chão um rapaz, que sahia de um café.

Laurita ia formular uma desculpa. Nessa intenção, fitou o rapaz e quasi immediatamente duas exclamações sôaram:

— Laurita!

— Roberto!

— Ha quantos annos!...

— E' verdade! Uns seis, aproximadamente.

Roberto envolveu-a toda no seu olhar habil, de elegante da rua do Ouvidor. Os seis annos em quasi nada a modificára. Era sempre esbelta, bonita; só um pouco mais mulher.

Laurita, vendo-se examinada, sorriu na certeza de que agradaria.

— Cada vez mais linda!

— E tu sempre lisongeiro!

— Por onde tens andado, Laurita?

— Em Minas... Numa fazenda, criando gallinhas!

— Sério?

— Muito sério! Não vês que nem me vestir sei mais.

Era uma mentira, que tinha a virtude de chamar a attenção de Roberto, si é que elle não notára já o vestido de sêda clara, muito bem talhado e collado ao corpo, cujas formas realçava...

— Delicioso!...

Esse delicioso foi dito com enthusiasmo. Mas possivelmente não fôra o vestido que, lindo de facto, o merecêra. Ia além...

— E tu, Roberto, que tens feito?

— Eu!... Continúo na mesma: Escrevendo versos e...

— E declamando-os ás pequenas da rua do Ouvidor, não?

— Exactamente! Que queres! A vida para mim resume-se nisto: Rua do Ouvidor.

— Não tens máu gosto, affirmo-te!

— Obrigado! Sempre amavel e encantadora, como naquelles bellos tempos. Lembras-te?

— Lembro-me! Eramos tão amigos, tão camaradas...

— Si eramos.

— Um dia, eu te esperei, em vão! Haviamos combinado um passeio á cascatinha da Tijuca. E tu...

— E eu faltei. Negocios!...

— Negocios... De conquista, creio! Mais tarde, soube que eras namorado da Maria Clara. Que noticias dás della?

— Não t'as posso dar. Ha uns dois annos que não a vejo.

— Sempre o mesmo... Bem, Roberto! Vaes me dar licença. Tenho que ir! Meu marido...

— Teu marido?!

— Não sabes que me casei?

— Não!

# CONTO DE JOSÉ MARIA SENNA

—Pois é! Foi lá em Minas... Um mineiro simplorio e bom o meu marido!

—Rico?

—Interesseiro!

—Natural! Uma carioca deliciosa como tu és, não cahiria na tolice de se casar, sem que houvesse algo mais do que um marido simplorio.

—Sim, é rico!... Mas eu não me casei por dinheiro.

—Por amor, então?

—Não crês?

—Perdôa-me! O Rio tornou-me um sceptico.

—Pois é! Vivia lá, na fazenda do meu marido, mais ou menos feliz. Mas comprehendes: Eu sou carioca. Fui baptizada nas aguas do mar de Copacabana. Aquella fazenda tão quiéta sempre, invariavelmente socegada, encheu-me de tédio. E um dia... Meu marido custou a convencer-se. Afinal, tanto fiz que cá estou.

Laurita consultou o relogio pulseira e, esbaforida:

—Tão tarde! Adeus, Roberto!

Appareça, para recordarmos, com vagar, os tempos idos. Estou na rua de Copacabana, nr...

E, com um ultimo aperto de mão, separou-se de Roberto. Este a seguiu, algum tempo, com a vista, admirando-lhe o andar cadenciado, a cintura flexivel...

—Boa!... — disse, fazendo estalar a lingua no céo da bocca.

Depois, poz-se a caminhar e a relembrar pedaços do passado. Deteve-se-lhe, afinal, a memoria no episodio que viéra estreitar a sua camaradagem com a Laurita, então sua predilecta.

* * *

O baile do Copacabana estava estupendo. Havia muita luz; uma profusão de flôres e perfumes. Mulheres lindas ornavam o salão. Elle e Laurita dançavam. E elle lhe dizia:

—Tenho vontade de te beijar... Longamente... Voluptuosamente...

—E que esperas?

—A espera excita mais o meu desejo.

—Louco...

—Talvez! Nada ha melhor do que desejar-se ardentemente beijar uns labios palpitantes e, como um avaro, ir sempre retardando o momento ansiado.

—Beija-me, Roberto! Anda! Eu não tenho a tua força de vontade.

—Não! Agora, não!

—Máu!

—Espera um pouco mais! Escuta: Vamos até a praia.

—Estás doido!

—Vamos... O luar brinca lá fóra, enfeitiçando a noite. Vamos!...

—Vamos!

Sahiram. E foram deitar-se na areia, muito juntinhos...

O mar, aos seus pés, lambia, ululando, a praia, alvejada de luar.

—Lindo, não?

—Sim, lindo!

Emmudeceram. Fitaram-se. Tremiam os labios della. Os seios arfavam-lhe... E elle collára, soffregamente, os labios naquella bocca, rubra de carmim...

# Um caso de identidade

Por CONAN DOYLE (SHERLOCK-HOLMES)

Achavamo-nos, Sherlock e eu, sentados ao fogão, frente á frente, naquelle tão decantado aposento em Baker-Street. Eis que, rompendo o silencio, elle me desfechou a seguinte phrase, repassada de philosophia:

— Tem destas esquisitices a vida, inconcebiveis, até, para o cerebro mais inventivo e que não obstante são apenas moeda corrente em nossa existencia. Se, porventura, nós, abrindo a janella, pudessemos ambos soltar as azas, pairar por cima desta grande cidade, e soerguer muito em segredo os telhados, com o intuito de lançar a nossa olhadela para as insolitas occorrencias que ali se estão dando, quantas surpresas não iriamos encontrar! Essa magna caterva de romances com as suas convenções, as suas conclusões antecipadas, antolhar-se-nos-ia insipida e antiquada a par das singulares coincidencias, dos planos tenebrosos, dos systemas contradictorios, numa palavra, da espantosa série de factos, decorrendo uns, após outros, através das eras, e vindo a produzir os mais extraordinarios resultados.

— Não sou do mesmo parecer, respondi. As causas judiciaes, cujas resenhas lemos nos jornaes, por via de regra, são vulgares e destituidas de interesse; nellas o realismo é levado ao extremo limite, e o desfecho será tudo, menos artistico ou attrahente.

— No proprio realismo, ha que proceder á escolha, observou Holmes, e é isso que fallece aos relatorios policiaes, em que se attribue maior importancia aos dizeres do magistrado do que aos pormenores, os quaes, para o bom observador, são a propria essencia do caso. Vá com o que lhe digo, nada haverá menos singelo que o logar commum.

Meneei a cabeça, incredulo.

— Comprehendo optimamente a divergencia das nossas opiniões. O amigo Holmes é o conselheiro amador, o supremo recurso de quanto desesperançado existe nos tres continentes; acha-se pois, *ipso-facto*, em presença de tudo o que de mais estrambolico, de mais estravagante póde encontrar neste mundo. Tentemos, porém, uma experiencia, accrescentei, lançando a vista para o jornal da manhã que escorregára para o chão. Aqui temos na primeira pagina o artigo de fundo: "Crueldade de um marido para com a propria mulher." A narrativa enche a columna de alto a baixo, mas desde já lhe adivinho o conteúdo. Ha aqui, já se vê, uma historia de mulher um bebado, uma desordem, pancadas e ferimentos, uma irmã ou uma senhoria compadecida. O mais realista dos auctores não haveria inventado coisa mais crua.

— Deveras! Pois bem! Esse exemplo não é de molde a servir de apoio á sua these, affirmou Holmes, lançando mão do jornal e percorrendo-o de relance. E' o caso de desquite dos conjuges Dundar e por signal que de mim se valeram, com o sentido em esclarecer os factos que a elle andam ligados. O marido pertencia a uma sociedade de temperança, e não andava envolvido neste negocio nem sombra de mulher. O maior agravo que a elle assacavam era aquella sua mania de tirar a dentadura em seguida a cada refeição e de atiral-a á cara da mulher. Não deixará de concordar, doutor, que semelhante accusação, não haverá romancista, por mais engenhoso que seria, capaz de a inventar. Confesse que foi batido.

— Que lindo annel! exclamei, apontando para um soberbo diamante que via scintillar-lhe no dedo.

— Foi um brinde da casa reinante da Hollanda, mas as circumstancias melindrosissimas em que me achei envolvido impõem-me o dever de conservar absoluta discreção, até para com o amigo, que se dignou trazer á luz alguns dos meus exitos felizes sobre esse caso.

— E tem actualmente algum trabalho entre mãos? indaguei curioso.

— Ando a estudar uns dez ou doze casos, entre os quaes nem um só encontrei deveras interessante. Entendamo-nos: são serios, mas não apresentam um vislumbre sequer de originalidade. Tenho notado que os factos mais insignificantes ministram por vezes materia ampla á observação e áquella analyse rapida da causa e do effeito, que nos leva a proceder com tamanha paixão ás respectivas investigações. Os maiores crimes são muita vez os mais simples, attendendo á clareza do motivo que impelliu o criminoso. As causas que eu ando a estudar actualmente não apresentam o minimo interesse, á excepção, todavia, de uma só, mais enredada que outra qualquer e a respeito da qual fui consultado de Marselha. Mas, daqui a pouco, não me faltará occupação, pois, se me não engano, ahi vem um dos meus clientes.

Puzera-se de pé, e, pela janella, cujos postigos estavam descerrados, observava o que se passava na rua escura, pardacenta, melancolica, como aliás são as ruas todas em Londres. Relanceei um olhar por cima do hombro do meu amigo e lobriguei, no passeio lateral fronteiro, uma mulher alta e reforçada, com uma *bóa* de pelles ao pescoço. O chapéu de abas largas, reviradas com certa elegancia no estylo *duqueza de Devonshire*, era enfeitado com uma avantajada pluma caida sobre o hombro. Notei que os olhos da senhora, interceptados quasi por tão monumental obstaculo, estavam fitos nas nossas janellas e que os dedos, machinalmente entretidos a desabotoar e abotoar seguidamente as luvas, denunciavam extraordinario nervosissimo. De subito, empertigou-se, e, pulando de um para o outro passeio, investiu para a campainha, que puxou com muita força.

— Conheço aquelles symptomas, disse Holmes, atirando para o fogão o cigarro. Aquella hesitação é signal certo de um *affaire du coeur*. Está desejosa de um conselho, mas acha melindroso em demasia o assumpto para se abrir com terceira pessôa. E, sem embargo, nisso mesmo existem gradações. A mulher seriamente enganada pelo marido não hesita em caso algum; enforca-se com o cordão da campainha e parte-o. No presente caso, acha-se ferido o coração. Aquella mulher está mais perplexa e magoada do que irritada. Mas, eil-a, ahi vem, inteirar-nos-á cabalmente.

Ainda bem não concluira a phrase, eis que se ouve bater á porta, e entra o *groomzinho* apressado, an-

(*Continúa nas pags. 62 e 63*)

# ÁS VICTIMAS D'UMA MÁ DIGESTÃO

Se tem dôres de estomago algumas horas depois das suas refeições ou durante a noite, é mais que provavel que soffre de hyperchloridria ou em termos simples de um excesso de acidez do succo gastrico. Neutralize o effeito nocivo deste excesso de acidez, as suas dôres cessarão e a sua digestão se tornará normal. O melhor anti-acido é a Magnesia Bisurada que desde ha longos annos deu um grande allivio nos casos de azia, azedume, flatulencias, indigestões, dyspepsia, etc., etc. Tome meia colher de café de Magnesia Bisurada num pouco de agua depois das refeições ou quando se faz sentir a necessidade e V. S. mesmo o notará. — A Magnesia Bisurada acha-se á venda em todas as pharmacias.

DAME FRANÇAISE

ENSEIGNE SON IDIOME AU DOMICILE DES ÉLÉVES AVEC METHODE FACILE ET RAPIDE.

Rua Visconde Pirajá 260 - sobrado

TEL. 7-2407

## Tonico para todas as idades

O uso do QUINIUM LABARRAQUE pela dose de um copo dos de licor depois de cada refeição basta, com effeito, para restabelecer em pouco tempo as forças dos doentes mais debilitatos. É egualmente excellente contra os accessos das febres mais tenazes. Tambem as pessoas fracas, debilitadas pela doença, o trabalho e os excessos, os adultos fatigados por uma crescença demasiado rapida, as meninas que teem difficuldade em se formar, as senhoras após os partos, as pessoas de idade enfraquecidas pelos annos, os anêmicos, e pessoas cançadas pelo trabalho intellectual, devem tomar : o vinho de

*Approvada pela Academia de Medicina de Paris*

*Deposito :* Maison FRÈRE 19, rue Jacob, PARIS

*Venda a retalho : Em todas as Pharmacias*

Appr. D. N. S. P. em 21 de Abril 1887

*Quereis ganhar um peculio de* 10:000$000?

*Vide instrucções em outra parte desta revista*

nunciando *miss* Mary Sutherland, que deu entrada, majestosamente, offuscando com a amplidão das fórmas o rapazito que a antecedera.

Sherlock Holmes recebeu-a com a amabilidade e a cortezia que sempre o caracterizaram; depois, fechou a porta, convidou a visitante a sentar-se numa poltrona, e pôz-se a estudal-a nos minimos pormenores, mas com aquelle modo de distrahido que assumia em semelhantes casos.

— Dada a sua myopia, perguntou, deve fatigal-a a machina de escrever?

— Ao principio experimentava um certo cançasso, respondeu a dama, agora, porém, sem olhar até, já sei onde estão as lettras.

De subito, estremeceu fortemente, na cadeira; a physionomia, aliás jovial, exprimiu terror e espanto em presença da reflexão de Sherlock Holmes.

— O senhor, exclamou, ou já ouviria falar a meu respeito, ou então será feiticeiro?

— Pouco importa, volveu Holmes, a rir. Incumbe-me o achar-me sempre cabalmente informado. O facto de estar muito acostumado a tudo observar, leva-me a ver aquillo que aos outros passa despercebido. Não sendo assim, para que viria consultar-me?

Quem me aconselhou que viesse procural-o foi *mistress* Etheredge. Deve estar lembrado de, como toda gente, inclusive a policia, lhe suppunham morto o marido, e de como o senhor o desencantou num apice! Ah! senhor Holmes! Oxalá seja tão afortunado no que me diz respeito! Não sou rica, disponho, quanto muito, de umas 180 libras de renda, não incluindo na conta o que possa produzir-me o meu trabalho de copista. Pois bem! Daria de bom grado quanto possuo para saber o que foi feito do senhor Hosmer Angel.

— Queira dizer-me, pois, acudio Holmes, de olhos fitos no tecto e os dedos entrecruzados, conforme a sua mania, queira dizer-me por que foi que sahiu de sua casa em tal estado de inquietação?

O olhar um tanto vago de Mary Sutherland assumiu expressão de pavor.

— Com effeito, sahi precipitadamente de casa, furibunda ante a indifferença do senhor Windibank, meu pae, tratando-se de questão de tamanha gravidade. Nem quiz prevenir a policia, nem vir procural-o ao senhor; e foi por elle se negar a dar o minimo passo e pela persistencia em repetir que, no fim de contas, o mal não era lá muito grande, que eu, enfurecida, me vesti ás pressas e vim ás carreiras á sua casa.

— Seu pae? ponderou Holmes, quer dizer o seu padrasto, visto que não se assigna com o mesmo nome.

— Meu padrasto, sim. Eu trato-o te pae, comquanto isso possa causar espanto, tratando-se de um homem contando mais do que eu apenas cinco annos e cinco mezes.

— E ainda é viva sua mãe?

— Graças a Deus! E goza de optima saude. Não me agradou muito o vel-a contrahir segundas nupcias tão depressa, em seguida á morte de meu pae, indo casar com um homem com menos quinze annos do que ella. Meu pae era zincador e residia em Tottenham-Court road. Falleceu deixando um bom estabelecimento de venda e minha mãe continuou a fazel-o render com a ajuda do contra-mestre, o senhor Hardy; mas por conselhos do senhor Windibank, corretor de vinhos, e como tal desfructando situação mais vantajosa do que a sua, traspassou o estabelecimento e a clientella. Entre capital e juros veiu a apurar umas 750 libras, quantia muito inferior áquella que meu pae realizaria se vivesse.

Eu já cuidava que tão extravagante quão escusada narração cançaria a paciencia a Holmes, e todavia com grande espanto meu, este dir-se-ia estar escutando com vivissimo interesse.

— E foi essa venda que veiu a constituir os seus modestos haveres?

— Não, senhor. E' alheia em absoluto, visto ser feito de um legado que me deixou meu tio Ned Aukland, em acções da Nova-Zelandia, que me rendem quatro e meio por cento. O capital de tres mil e quatrocentas libras é inalienavel e eu só posso receber os juros.

— Interessa-me summamente, affirmou Holmes. E visto que o seu rendimento ascende a umas cem libras annuaes, sem que mettamos em linha de conta os seus ganhos extraordinarios, dispõe de recursos para custear a sua viagemzinha de vez em quando de modo que os autorizo a dispôrem do meu rendimento. Creio que uma menina solteira póde arranjar menos mal a sua vida com semelhante quantia.

— Eu viveria menos mal até com menos, senhor Holmes, mas não deixará de avaliar que, estando eu com os meus paes, lhes não queira ser pesada, de modo que autorizo-os a dispôrem do meu rendimento... temporariamente, já se vê. E' o senhor Windibank quem recebe os meus coupons todos os trimestres, e entrega-os a minha mãe. Eu, por mim, governo-me optimamente com o salario que percebo pelas minhas copias: rendem-me um *penny* por folha e posso despachar entre quinze a vinte por dia.

— Expoz-me a sua situação com a maxima clareza, declarou Holmes. Apresento-lhe o doutor Watson, meu amigo. Póde falar deante delle com a mesma liberdade tal qual se estivessemos a sós. Tenha pois a bondade de me dizer quanto souber a respeito do senhor Hosmer Angel.

Mary Sutherland ruborizou-se algum tanto, e, nervosa, poz-se a brincar com a franja do casaco.

— Encontrámo-nos pela primeira vez no baile dos empregados do gaz. A corporação mandava sempre convites a meu pae, que Deus tem, e agora, que elle já morreu, continúa a mandar-m'os, e nessa conformidade minha mãe recebeu um, ha dias. Meu padrasto não era de opinião que fossemos; oppõe-se sempre a que acceitemos seja que convite fôr, e por sua opinião eu nem concorreria ás reuniões religiosas nos dominios! Mas, desta vez, havia da minha parte firme resolução. Queria ir ao baile e com que direito me havia elle de impdir? Objectava-nos que o baile seria concorrido por gente duvidosa, asserção com que não concordava, visto irem a elle pessôas da amizade de meu pae. Accrescentava ainda que eu não tinha vestido capaz para levar, quando tinha no meu guarda-roupa um vestido de pellucia roxa, por estrear. Em conclusão: esgotados os argumentos de parte a parte, partiu para França, a pretexto de negocios da casa. Minha mãe e eu fomos ao baile e quem nos acompanhou foi o senhor Hardy, outr'ora nosso guarda-livros.

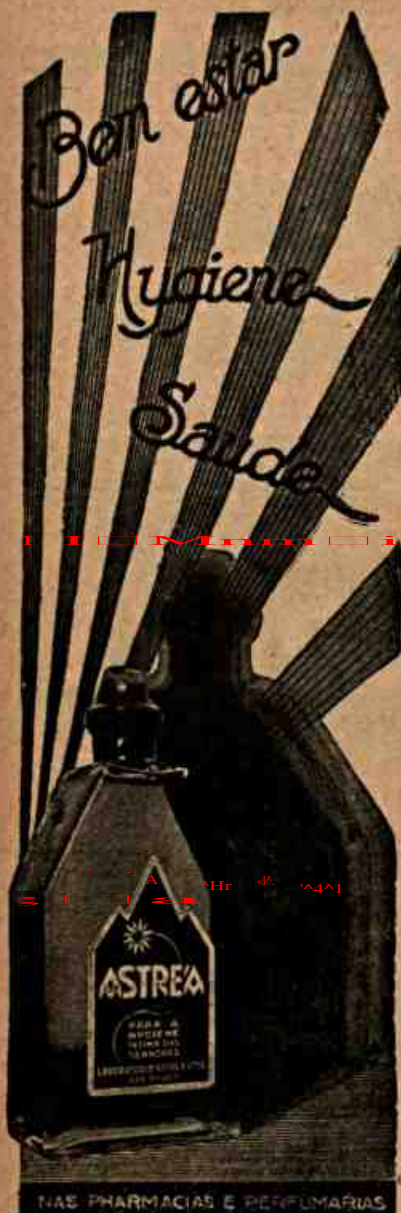
— Supponho, interrompeu Holmes, que o senhor Windibank, quando regressou de França, ficaria contrariadissimo pelo facto de terem ido a esse baile?

— Em todo o caso, manifestou summa amabilidade, riu-se, encolheu os hombros e declarou que não havia ente mais teimoso do que uma mulher.

— Vou percebendo. Dizia, pois, que o seu encontro, com um tal Hosmer Angel se effectuára no dito baile?

— Exactamente, senhor Holmes. Encontrámo-nos naquella noite, pela primeira vez, e elle, no dia immediato, foi saber se tinhamos recolhido á casa sem novidade. E nós, dali a tempos, ou antes, eu fui passear com elle, duas vezes, sozinha. O regresso de meu padrasto impediu-me, porém, de continuar a receber visitas de Hosmer Angel.

— Deveras! E por que?

(*Continúa no proximo numero*)

# Contos Para Crianças

## A Casinha do Wolga

A' margem do immenso rio Wolga, existe, ainda, uma casinha humilde.

Nesse logar solitario, era ella o abrigo de todo viajante extenuado. A qualquer hora que batesse, quer fosse um dia sorridente de primavera, ou uma noite tempestuosa de inverno, a porta lhe seria aberta. Um pobre casal de lavradores, com uma filha na primavera da vida, eram os unicos moradores daquelle hospitaleiro lar.

Em uma noite de trovoada, em que o vento, com o seu terrivel sussurrar, parecia imitar os uivos de um animal bravio, alguem bateu á porta desse isolado abrigo. Esta não permaneceu fechada por muito tempo, pois, assim que Tasia ouviu bater, se levantou da mesa e foi dar pousada a quem ahi chegava. Logo que a porta se abriu, um forte e bello rapaz appareceu.

O joven, açoitado pela fome e pelo frio, vira-se obrigado a procurar um logar onde pudesse abrigar-se da tempestade e onde encontrasse uma fatia de pão para minorar a sua fome.

Depois de compartilhar da frugal refeição dos lavradores, o rapaz contou-lhes que viéra de paiz muito distante, em busca de um emprego. O lavrador disse-lhe, então, que podia permanecer ali por alguns dias e que depois partiriam ambos para Moscow, onde tinha negocios importantes a tratar.

Durante esse tempo, Tasia e Dick tornaram-se bons amiguinhos. Ella, que nunca tivéra um amiguinho, encontrou nelle um esplendido companheiro e elle, desde que a vira, sentira-se attrahido pela sua graça e formosura.

Chegou o dia da partida de Dick.

Tasia, do limiar da porta, acenava, com seu lencinho branco, para o carro que conduzia o seu querido pae e o companheiro de tão agradaveis dias.

Alguns dias depois, a senhora Imigaroff recebeu uma carta do marido, ordenando a vinda immediata das duas, mãe e filha a Moscow. Os seus negocios não foram bem succedidos e elle se vira na contingencia de vender a propriedade e a lavoura. Soffreu com isto um grande abalo, vindo a fallecer pouco depois da chegada da familia á grandiosa cidade.

Algumas semanas eram decorridas, depois que os Imigaroff deixaram a casinha á margem do caudaloso rio, e uma senhora, acompanhada de uma linda joven, vinha pedir emprego em uma fabrica de Moscow. Ellas foram acceitas como empregadas e logo no dia seguinte deviam começar a ardua tarefa.

Alguns annos mais tarde, quando, á hora de costume, os operarios

Chegaram á fabrica, encontraram nesta um grande reboliço. Um dos interessados da firma havia chegado, para fiscalizar melhor os trabalhos alli produzidos.

Poucos minutos depois, o joven chefe ia em visita aos operarios. Qual não foi a sua surpresa ao reconhecer, entre aquellas creaturas humildes, a fadasinha de seus sonhos, a companheira da casinha solitaria á margem do Wolga, a sua querida Tasia. Immediatamente, estendeu-lhe a mão e não consentiu mais que a sua amiguinha, assim como a progenitora, proseguissem naquelle rude dever.

E foi assim que a linda Tasia se tornou a senhora Dick Rickens, uma das mais ricas moças de Moscow.

Todavia, o honrado Dick não se esqueceu do logar onde encontrára a sua felicidade, a casinha humilde e solitaria á margem do rio Wolga. E assim, no verão, o joven e feliz casal vae ali gozar a amena e saudavel brisa, embalado pelo doce murmurio do majestoso rio...

## *O Jogo*

ERA uma vez um negociante millionario, que havia feito a sua fortuna á custa de muitos annos de trabalho fatigante.

Tinha esse homem um filho unico, que era todo o seu encanto. Devido á grande amizade, o pae nem o castigava e nem o reprehendia, crescendo o menino cheio de vontades e malcreado. Ao completar 18 annos, João era encontrado nas maiores casas de jogo e em companhia de máos amigos, com os quaes esbanjava o dinheiro, tão penosamente accumulado por seu bom pae.

Toda noite o rapaz jantava ás pressas e, assim que acabava a refeição, dirigia-se á taverna e lá passava a noite inteira em volta da roleta, cercado dos máos amigos. Só ao amanhecer é que entrava em casa pallido e abatido, depois de ter perdido a noite inteira. No dia seguinte, não ia ao trabalho e assim se passavam mezes, sem que lá puzesse os pés. O pobre velho não cançava de lhe dar conselhos, mas João não o attendia. Até que, uma noite, depois de perder todo o dinheiro do velho pae, e não tendo mais com que pagar as dividas, foi buscar o dinheiro no bolso alheio. Ao saber que ia ser encarcerado, João resolveu dar cabo da propria vida.

Foi assim que, por causa do vil jogo, o infeliz rapaz se suicidou e foi a causa da morte de um pae, que o amava talvez excessivamente e por isso não tivéra coragem de castigal-o como devia.

## *Amor Materno*

ERA um dia calmo e sorridente de verão, em que o sol espalha os seus raios de oiro sobre a terra. Debruçada sobre uma campa fria de lugubre cemi-

(Conclue na pagina seguinte)

terio, uma pobre mulher parecia concentrar toda a vida no olhar de mãe nublado pelas lagrimas. Recordava-se que em dia lindo como aquelle seu filhinho vira, pela primeira vez, a luz do dia. Com que amor, com que carinho ella lhe embalava o berço em que, feliz e sorridente, dormia o somno da innocencia, tão candido como o lirio dos valles! Quantas vezes ella o afagára em seu seio, contando-lhe historias de lindos principes, reinos encantados e princezinhas mimosas?

E agora elle ali jazia frio, pallido, sem vida... como uma flôr

que murchára de repente, ao raiar da aurora da vida, tendo como orvalho o seu pranto de mãe amargurada.

E, assim pensando, a pobre mãe regava com o seu pranto a cova do filhinho adormecido e pouco a pouco a cabeça ia inclinando até cahir inerte sobre o tumulo que encerrava a maior joia de sua vida, o seu filhinho adorado. Entretanto, lembrou-se, de repente, que podia ainda vêl-o um dia, e para sempre, no céo.

E, pela primeira vez, depois que elle morrera, um sorriso aflorou-lhe aos labios e uma esperança de felicidade esvoaçou-lhe nalma...

# Contos para crianças

*(Conclusão)*

## *Martha*

FOI na aldeia de X., em uma festa de Sto. Antonio, o santo casamenteiro, e sob as luzes avermelhadas dos balões, que pareciam tocar ás estrellas, que Manoel e Maria se encontraram.

No fim de algum tempo, um

joven par aproximava-se do altar da igrejinha, para ali receber a benção nupcial das venerandas mãos do parocho.

Acabada a cerimonia, reinou grande alegria e não foram poucos os votos de felicidade tão ardentemente desejados nessas occasiões. Esses desejos realizaram-se para contentamento de todos os que por ali moravam. Manoel e Maria eram felizes! Que poderiam desejar mais que os favores de Deus? Trabalhavam e progrediam. O quintal que possuiam tornára-se numa vasta roça, repleta de enormes arvores fructiferas, sobre cuja sombra o feliz casal passava horas calmas e deleitosas, nas bellas tardes de verão. Além disso, de uma pobre choupana, passaram a possuir alegre e confortavel casinha. Maria era o modelo das esposas e Manoel, honesto e trabalhador, lhe prodigalizava todo o carinho imaginavel.

Esta alegria, porém, foi passageira. Maria deu á luz uma creancinha e, com a vinda deste anjinho, apagou-se para sempre o clarão de outra existencia. Maria expirou, deixando na orphandade uma innocente menina e sem allivio um coração dilacerado de saudades. O esposo inconsolavel não poude resistir a tão grande dôr, e um mez depois, se ouvia o dobre funebre do sino annunciar a subida de mais uma alma piedosa ao reino da eternidade.

Uma amiga de Maria, sabendo do infortunio, que tão depressa viéra desmanchar a paz daquelle lar, apiedou-se da infeliz orphãsinha, que nunca teve a ventura de conhecer os seus progenitores, e resolveu tomál-a á sua guarda. Martha, assim foi baptizada a menina, cresceu cercada do carinho e da amizade de quantos a conheciam. Para todos tinha palavras de agrado e de consolo, que demonstravam a bôa educação que d. Eugenia sabia lhe dar. Era nos casebres dos desamparados que mais frequentemente se encontrava, dispensando, a cada um, auxilio e uma esmola.

Entretanto, consagrava a maior affeição a uma menina pobre e aleijadinha. Emquanto as companheiras formavam jogos e se divertiam, Martha fazia companhia á infeliz amiguinha.

Certo dia, tendo a bôa menina se demorado na aula, viu que as outras collegas zombavam da sua desditosa amiga. Martha, sem receiar o grande numero de meninas que commettiam tão indigna acção, avançou, tomando a frente da aleijadinha, e disse: "Aquella dentre vocês que ousar maltratar esta infeliz, é uma covarde e, portanto, mais digna de compaixão que ella!" As alumnas, embaraçadas e arrependidas, retiraram-se, deixando a pobresinha entre soluços, nos braços carinhosos da amiga dedicada.

Chegára o anniversario de Martha. Era um dia lindo de primavera. Nos bosques, os passarinhos, com seu alegre chilrear, pareciam querer saudar tambem a peque-

nina anniversariante. O vae-vem dos aldeões era extraordinario; todos desejavam abraçar a gentil menina, que tão bem os tratava e que parecia ser escolhida para espalhar o bem sobre a terra. Martha, radiante de alegria, brincava com as companheiras, deixando escapar, de quando em vez, um riso franco e jovial. De repente, ouve-se uma vozinha fraca e doce murmurar: "Martha, ó Martha, eu sou pobre e nada tenho; acceita, porém, estas flôres, unica cousa que lhe posso offerecer!" Assim dizendo, a creancinha pauperrima estreitou Martha em seus bracinhos magros, querendo desta fórma demonstrar-lhe a amizade e gratidão.

Martha nada disse; mas, em seus olhinhos meigos, duas lagrimas scintillaram. Era este o agradecimento que palavra alguma melhor poderia traduzir. E nenhum outro mimo conseguiu commovêl-a como aquelle; porque elle viera de um coração sincero e puro como o seu.

LAURA EUGENIA SCHLAEPFER

# PONTADAS nas JUNTAS

**Porque soffrer esta tortura quando em 24 horas V.S. pode comprovar a excellencia deste remedio?**

Existe um remedio que actua rapida e seguramente. Recommenda-se o seu uso no mundo inteiro e foi experimentado em dezenas de milhares de casos durante quarenta annos. São as Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga, que as Pharmacias vendem com a garantia de que o dinheiro será devolvido se não fizerem effeito.

**MILHARES DE PESSOAS CONFIAM NESTE REMEDIO.**

Vinte e quatro horas depois de haver tomado a primeira dose, V.S. notará que lhe está fazendo bem. Esta é a razão pela qual convidamos todo o doente a solicitar-nos um fornecimento gratis a titulo de experiencia. Persevere com as Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga, e V.S. ver-se-ha livre de perigosos symptomas. Muitos que antes estiveram prostados na cama impedidos pelo Rheumatismo, torturados dia e noite, recuperaram uma saúde esplendida, graças a este remedio que conta 40 annos de existencia.

Todos os dias recebemos cartas louvando a efficacia deste remedio, geralmente em casos em que todos os demais fracassaram. Eis aqui uma carta de entre milhares que recebemos: O que diz o Major Snr. Alfredo Carneiro da rua Joaquim Meyer n. 80, Meyer. Rio de Janeiro.

*"E' com o maior contentamento que venho trazer-vos os meus sinceros parabens pelo feliz triumpho das vossas Bemditas Pilulas De Witt, as quaes tive a felicidade de empregar em minha senhora Adelaide Carneiro que ha seis annos vem tratando e soffrendo de Rheumathismo e dores nos Rins. Sua urina era muito escura e carregada, porem, depois de ter tomado um vidro e meio de seu maravilhoso producto, sentiu-se muito melhor e com a sua urina completamente limpa. Estamos muito satisfeitos com esse tratamento, graças ao seu producto."*

# AS PILULAS DeWITT

**PARA OS RINS E A BEXIGA**

**O REMEDIO QUE DÁ O MELHOR RESULTADO**

**REMETTA-NOS ESTE COUPON HOJE MESMO**

**Snrs. E. C. De Witt & Co. Ltd. (Depto. M 2), Caixa do Correio 834, Rio de Janeiro.**

Queiram enviar-me, livre de despezas, um fornecimento das famosas Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga.

*Nome*...............................

.......................................

*Endereço*...........................

.......................................

.......................................

Preços no Districto Federal: Rs. 7$500 o frasco pequeno.
" 12$000 o frasco grande

Licenciadas pelo D.N.S.P. sob o no. 145.

# INSTITUTO DE UROLOGIA DO RIO DE JANEIRO

DIRECTOR
**Dr. EDSON AMARAL**

Tratamento das doenças das VIAS URINARIAS (estreitamentos, cystite, prostatite, inflammações do utero e ovarios), pela DIATHERMIA, ALTA-FREQUENCIA, RAIOS INFRA-VERMELHO, ULTRA-VIOLETA.

Cura da impotencia — Plastica dos seios e dos orgãos genito-urinarios — Manchas e signaes da face.

Sala de endoscopia e ultra-violeta.

O Instituto devolverá a importancia paga se não conseguir a cura radical.

RUA BUENOS AIRES, 85, IV andar — T. 4 - 2087
Das 10 ás 20 horas
Domingos e feriados, das 11 ás 14 horas

# Exmas. Senhoras

A fabrica de calçado Souto, pioneira do fabrico de calçado Stitchdown — succedaneo do Tresse, participa que os mais lindos modelos para verão levam gravada na sola a marca

As senhoras de bom gosto, que desejarem usar o verdadeiro calçado Stitchdown, devem exigir aquella marca do seu fornecedor.

A ISTO se deve o facto de ter sido o **LEITE DE MAGNESIA DE PHILLIPS** receito pela classe medica, e empregado no lar, durante mais de meio seculo, com a confiança a mais cega.

Nada ha que se lhe compare, para corrigir a acidez excessiva do estomago, nada que o supere, em brandura e em efficacia, como laxante. Por este motivo, é o remedio classico para os casos de

**INDIGESTÃO · ESTADOS BILIOSOS**
**SENSAÇÃO DE FARTURA APÓS AS REFEIÇÕES · ERUCTAÇÕES**
**AZIAS · ARDOR NA BOCCA DO ESTOMAGO**
**PRISÃO DE VENTRE**

Incomparavel para tornar assimilavel pelas creanças o leite de vacca, evitando as colicas e os vomitos.

O Leite de Magnesia verdadeiro, creado e preparado por Phillips, ***apresentou-se e continuará a apresentar-se, sob a forma liquida.*** A magnesia em pó, em comprimidos ou em pastilhas, é de solução difficil, e costuma provocar irritações, ou accumular-se no intestino.

*Para evitar os perigos duma imitação, exijam o envolucro azul, e verifiquem a presença do nome* PHILLIPS, *impresso sobre o mesmo.*

PAUL J. CHRISTOPH COMPANY

Rua Ouvidor, 98, Rio de Janeiro — Rua S. Bento, 55, S. Paulo